

Boletim de  
**Conjuntura da Bahia**

2º TRIMESTRE DE 2021

# Boletim de **Conjuntura da Bahia**

2º TRIMESTRE DE 2021



GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

**Rui Costa dos Santos**

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO

**João Felipe de Souza Leão**

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA – SEI

**Jorgete Oliveira Gomes da Costa**

DIRETORIA DE INDICADORES E ESTATÍSTICA (Distat)

**Armando Affonso de Castro Neto**

DIRETORIA DE PESQUISAS (Dipeq)

**Jonatas Silva do Espírito Santo**

COORDENAÇÃO DE ACOMPANHAMENTO CONJUNTURAL (CAC)  
(Coordenação Geral)

**Arthur Souza Cruz Júnior**

COORDENAÇÃO DE PESQUISAS SOCIAIS (Copes)

**Guillermo Javier Pedreira Etkin**

COORDENAÇÃO DE CONTAS REGIONAIS E FINANÇAS PÚBLICAS  
(Coref)

**João Paulo Caetano Santos**

ELABORAÇÃO TÉCNICA

**Luiz Mário Ribeiro Vieira (Cenário Internacional, Nacional e Estadual)**

**Pedro Marques de Santana (Agropecuária)**

**Carla Janira Souza do Nascimento (Produção Industrial)**

**Elissandra Alves de Brito (Comércio Varejista)**

**Rosângela Conceição (Serviços e Turismo)**

**Arthur Souza Cruz e Geraldo Alencar Serra Neto (Comércio Exterior)**

**João Gabriel Rosas Vieira, Poliana Peixinho e Marília Jane Campos (Finanças Públicas)**

**João Paulo Caetano Santos, Denis Veloso e Carol Vieira (Produto Interno Bruto)**

**Luiz Fernando Araújo Lobo (Mercado de Trabalho)**

COORDENAÇÃO EDITORIAL

**Zélia Maria Abreu Góis**

NORMALIZAÇÃO

**Eliana Marta Gomes Silva Sousa**

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO EDITORIAL EDITORIA-GERAL

**Elisabete Cristina Teixeira Barretto**

EDITORIA DE ARTE E DE ESTILO

**Ludmila Nagamatsu**

DESIGN GRÁFICO

**Vinícius Luz Assunção**

REVISÃO DE LINGUAGEM

**Alcione Zanca**

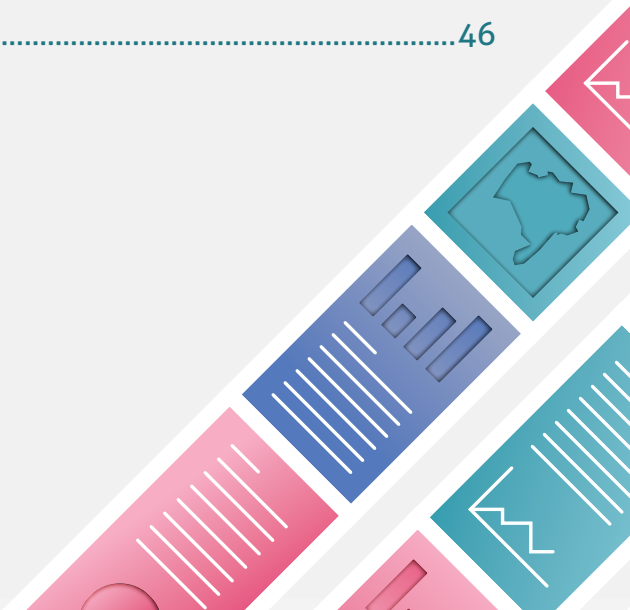
EDITORAÇÃO

**Julio Cesar Fonseca**

# SUMÁRIO



Panorama Internacional e Nacional.....	5
Internacional.....	5
Nacional.....	8
Estadual .....	11
Agropecuária.....	14
Bahia .....	15
Agricultura.....	15
Produção Industrial.....	19
Comércio Varejista .....	24
Serviços.....	29
Turismo.....	32
Comércio Exterior.....	35
Importações .....	38
Finanças Públicas.....	41
Produto Interno Bruto (PIB) .....	43
Economia baiana recua 0,5% no primeiro trimestre de 2021.....	43
Com ajuste sazonal, PIB baiano cresce 1,0%.....	43
PIB em valor corrente .....	43
1º trimestre de 2021.....	43
Grandes setores .....	44
Agropecuária .....	44
Insústria .....	44
Serviços.....	45
Mercado de Trabalho.....	46



## Panorama Internacional, Nacional e Estadual

Luiz Mário Ribeiro Vieira  
*lmario@sei.ba.gov.br*

### INTERNACIONAL

As principais economias do mundo voltaram a crescer no segundo trimestre de 2021, principalmente pelo controle da pandemia que possibilitou uma maior flexibilização das medidas de distanciamento social. Esse crescimento se traduziu na manutenção dos preços das commodities em patamar elevado. Somado a isso, estoques industriais ainda baixos e falta de alguns insumos têm se refletido em aumento da pressão sobre os preços ao produtor no mundo.

Do lado do consumidor, além dessa pressão altista oriunda do repasse de custos, os estímulos governamentais à renda e a reabertura da economia adicionaram pressão aos preços dos bens e serviços. Diante desse cenário, a inflação ao consumidor e ao produtor permaneceram elevadas ao longo do segundo trimestre.

Os Bancos Centrais das economias desenvolvidas avaliam que a aceleração da inflação se deve a efeitos transitórios e que ainda é cedo para se falar em retirada de estímulos monetários. Essa leitura assume que a economia mundial ainda sofre os efeitos da queda da produção e dos estoques por causa da pandemia, no caso de bens manufaturados, e por conta de restrições de oferta de algumas commodities.

As perspectivas favoráveis para a economia mundial têm se consolidado e os riscos estão mais equilibrados e controlados. As preocupações com a pandemia, em especial com as novas variantes, seguirão presentes por algum tempo, mas o avanço da imunização e a adaptação da economia às restrições à mobilidade vão se sobrepondo.

Diante dessa conjuntura, a heterogeneidade do crescimento das economias no primeiro trimestre não se verificou no segundo, com as maiores economias apresentando resultados positivos. As duas maiores economias do mundo, Estados Unidos (EUA) e China, continuaram seu processo de expansão, enquanto o Japão e a Área do Euro voltaram a crescer, após registrar queda no primeiro trimestre.

Segundo dados do escritório oficial de estatísticas (BEA) do Departamento de Comércio, a economia dos Estados Unidos cresceu 6,6% no segundo trimestre de 2021, em dados anualizados. A alta foi superior à registrada no trimestre anterior, de 6,3%.

Esse crescimento, em parte, é devido aos estímulos fiscais de US\$1,8 trilhão aprovado em março, dos quais US\$1,1 trilhão serão desembolsados ainda em 2021 e devem continuar impulsionando a economia dos EUA nos próximos trimestres, associado ao programa de investimentos em infraestrutura aprovado recentemente. Segundo o Departamento do Comércio americano, “a alta no Produto Interno Bruto (PIB) no segundo trimestre reflete a continuação da recuperação econômica, a reabertura dos estabelecimentos e a resposta contínua do governo relacionada à pandemia da covid-19”.

O PIB chinês aumentou 7,9% no segundo trimestre em comparação com o mesmo período do ano anterior, informou o Escritório Nacional de Estatísticas da China. Na comparação com o trimestre anterior, o PIB chinês mostrou avanço de 1,3% e no primeiro semestre deste ano, a expansão do indicador foi de 12,7%. A economia da China segue em trajetória de alta. No entanto, a dinâmica segue sustentada pela oferta, com expansão mais forte da indústria e das exportações, refletindo a demanda externa ainda aquecida, mas, como previsto, a taxa desacelerou no segundo trimestre. Pelo lado da demanda interna, o consumo das famílias vem frustrando as expectativas, revelando a cautela ainda presente entre os chineses, mesmo com o rápido avanço da vacinação.

A taxa de crescimento do segundo trimestre é bem menor que o aumento de 18,3% que a China registrou no primeiro trimestre – embora esse número recorde refletisse em grande parte o quanto a economia se contraiu no primeiro trimestre de 2020, quando a pandemia do novo coronavírus estava tomando conta de parte do país.

A economia chinesa apresentou alguns sinais preocupantes nos últimos meses. Os preços recordes das commodities levaram a inflação às fábricas aos níveis mais altos em mais de uma década, enquanto as interrupções na cadeia de suprimentos causadas por atrasos no transporte e uma escassez de energia impediram a produção industrial de se expandir mais. Mesmo com a recuperação da segunda maior economia do mundo perdendo força, a China ainda está em vias de ultrapassar sua meta de crescimento anual de mais de 6% neste ano.

O desempenho da economia da Área do Euro tem surpreendido positivamente e isso deve continuar nos próximos trimestres, em razão da aceleração da vacinação contra a covid-19, porém as novas variantes geram preocupações nas autoridades sanitárias.

Segundo a agência de estatísticas da União Europeia, Eurostat, o crescimento do PIB dos 19 países que formam a Zona do Euro foi de 2,0% na comparação trimestral e de 13,7% na base anual. A economia da região cresceu mais rápido do que o esperado no segundo trimestre, saindo da recessão provocada pela pandemia da covid-19, conforme as medidas para conter o vírus são flexibilizadas, com a abertura das atividades dos setores de comércio e serviços.

Entre os destaques ficaram a terceira e quarta maiores economias, Itália e Espanha, com crescimentos trimestrais, respectivamente de 2,7% e 2,8%. A economia de Portugal, dependente do turismo, expandiu 4,9%. A Zona do Euro sofreu duas recessões técnicas – definidas como dois trimestres seguidos de contração –, desde o início de 2020, com as contenções devido ao coronavírus pesando mais recentemente entre o fim de 2020 e início de 2021. O PIB foi pressionado em grande parte nos três primeiros meses deste ano pela fraqueza na Alemanha, onde o lockdown a partir de novembro conteve o consumo privado. A maior economia da Europa voltou a crescer no segundo trimestre, mas a uma taxa trimestral de 1,5%, que ficou abaixo do esperado.

Os dados de desemprego, divulgados também pela Eurostat, em junho, recuaram para 7,7%, ante 8% no mês anterior. Essa redução é resultado dos desembolsos do fundo de recuperação que começaram a acontecer, suporte vindo do Banco Central Europeu e dos programas de emprego que tem permitido a manutenção da saúde financeira das empresas e das famílias.

A terceira maior economia do mundo voltou a crescer no segundo trimestre, o PIB do Japão aumentou 0,3% na comparação com o trimestre anterior, de acordo com resultados oficiais preliminares que mostram que a economia do país resiste, apesar da crise sanitária. O crescimento evita que o Japão entre em recessão técnica. A economia japonesa registrou queda de 0,9% no primeiro trimestre do ano, de acordo com os dados revisados. O PIB foi sustentado por um aumento do consumo das famílias (0,9%) e pelos investimentos das empresas, apesar das restrições em vigor pela pandemia. O aumento das exportações (2,9%) foi ofuscado pelo aumento das importações (5,1%), mas a tendência deve mudar no segundo semestre, segundo os analistas econômicos.

Uma parte do Japão continua em estado de emergência devido à pandemia. A medida limita, principalmente, as viagens e os horários de funcionamento de bares e restaurantes. Mas não parece ser muito útil, já que o país registra desde o fim de julho a onda mais grave de coronavírus, principalmente devido à variante Delta, muito mais contagiosa. Até julho, apenas 35% da população estava totalmente vacinada.

O Fundo Monetário Internacional (FMI) atualizou suas projeções na edição de julho do relatório "World Economic Outlook. O crescimento da economia global, no entanto, não sofreu alterações na estimativa de alta de 6% para 2021, mas subiu para 4,9% em 2022 (+0,5 p.p). O órgão ressalta, contudo, que houve movimentações significativas entre os países que compõem o estudo. O Brasil é um dos exemplos de melhora acima da média e que puxa, ao lado do México, a elevação de projeção da região da América Latina e Caribe. Economias avançadas, como a norte-americana, receberam um pequeno impulso de 0,5 ponto percentual nessa revisão, em

virtude do avanço da vacinação contra a covid-19 e de estímulos fiscais que ainda agem sobre a recuperação do baque pandêmico. Principal motor do bloco, os Estados Unidos, tiveram aumento de 0,6 p.p., chegando a uma expectativa de avanço de 7% em 2021. Em 2022, o ritmo de crescimento deve continuar. Com aumento de 1,4 ponto contra a projeção de abril, o país deve crescer mais 4,9% no próximo ano. O FMI ressalta, no relatório de julho, que o acesso às vacinas foi o grande diferencial entre as economias desenvolvidas e emergentes, enquanto as maiores economias passam a se beneficiar da imunização ainda em 2021, as economias mais vulneráveis sentem o atraso do fim da pandemia.

Os mercados emergentes, em média, tiveram revisão para baixo do PIB. Quem puxa a piora é a Índia, que teve reduzida em 3 pontos percentuais a sua projeção. A Índia teve forte queda, de 7,3% em 2020, e deve registrar recuperação para uma alta de 9,5% em 2021. A China também teve leve revisão para baixo, de 0,3 p.p. A alta esperada é de 8,1% neste ano. O FMI novamente levanta como condicionante para uma recuperação econômica global o controle da pandemia da covid-19. O fundo listou quatro principais riscos: as variantes do coronavírus, os choques pós-pandêmicos, os desajustes de oferta e demanda, e a pressão inflacionária.

Apesar da estabilidade nas projeções de crescimento para 2021, o aumento global de casos da variante Delta tem sido o principal fator de incerteza no cenário mundial. Os outros riscos são administráveis. Até o momento, as evidências são de que a maior transmissibilidade da nova variante leva ao aumento no número de casos, mas a vacinação parece conferir proteção efetiva contra hospitalizações e casos graves da doença para a população abaixo de 60 anos. Para evitar a reinfecção, vários países estão aplicando a dose de reforço ou a terceira dose para idosos e imunossuprimidos com o objetivo de evitar uma nova onda de casos e mortes. Com isso, impedindo uma nova contração da atividade econômica global em 2021.

## **Nacional**

No primeiro trimestre, diante de uma conjuntura ainda adversa pela segunda onda na qual os casos de covid-19 voltaram a aumentar consideravelmente, a economia brasileira registrou crescimento de 1,2% em relação ao quarto trimestre de 2020, terceira alta consecutiva nessa base de comparação.

No segundo trimestre, a atividade econômica seguiu registrando recuperação, com destaque para comércio e serviços. Como resultado da vacinação e da flexibilização gradual das restrições houve a abertura das atividades desses dois setores. A indústria de transformação, por sua vez, encontrou restrições por falta de insumos, já que a recomposição de estoques está sendo mais longa do que a prevista. Além disso, a agropecuária, que sofreu as condições climáticas desfavoráveis, registrou quebra de algumas culturas.



Os resultados da atividade econômica no segundo trimestre, com base nos dados das pesquisas mensais setoriais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apontaram para retomada da atividade econômica, nos dois setores citados (comércio e serviços) por conta do aumento da vacinação, da reabertura das atividades, principalmente aquelas que são mais dependentes do atendimento presencial, do aumento da mobilidade e da volta do auxílio emergencial. Na comparação com o primeiro trimestre, o comércio varejista e os serviços cresceram 3,5% e 2,0%, respectivamente. A indústria geral (transformação e extrativa) devido a restrições na oferta de insumos caiu 3,0%.

O avanço da atividade econômica e a reabertura da economia impulsionaram o mercado de trabalho, tanto formal quanto informal, beneficiado pelo avanço do setor de serviços. Segundo dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), a economia brasileira gerou 701.259 empregos com carteira assinada no segundo trimestre. Na comparação com o mesmo período do ano passado, foram fechadas 1.368.039 vagas formais, início da pandemia do novo coronavírus afetando severamente a economia brasileira. Portanto, houve uma melhoria considerável ainda que insuficiente para reduzir o número de desempregados que atingiu 14,4 milhões, com uma pequena queda na taxa de desemprego de 14,7% no primeiro trimestre para 14,1% no segundo, puxada pelo aumento da informalidade cuja taxa passou para 40,6% da população ocupada, ou 35,6 milhões de trabalhadores informais. No trimestre anterior, a taxa havia sido 39,6% e, no mesmo trimestre de 2020, 36,9%.

O comportamento do emprego formal, em 2021, ainda sofre influência do Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda de 2020. Isso porque os empregadores, para obterem os benefícios do programa, têm de manter o emprego do trabalhador por igual período de tempo da suspensão do contrato, ou redução da jornada.

Os resultados negativos da indústria geral e da agropecuária foram decisivos para que o PIB do segundo trimestre não apresentasse um desempenho positivo, já que o grande setor serviços, que inclui o comércio varejista, registrou uma modesta recuperação. Segundo o IBGE, o PIB do segundo trimestre ficou praticamente estável com taxa de -0,1% em relação ao primeiro trimestre, quebrando uma sequência de três trimestres positivos.

Pelo lado da produção, como já foi destacado, a agropecuária e a indústria apresentaram taxas negativas de 2,8% e 0,2%, respectivamente. O setor de serviços com crescimento de 0,7%, impedindo uma queda maior no PIB do segundo trimestre. A indústria e a agropecuária, conforme os dados do IBGE, embora com quedas no segundo trimestre continuam acima do patamar pré-crise. Os serviços cresceram aquém do esperado e ainda estão abaixo do nível de atividade anterior à pandemia.

Pela ótica da demanda, nessa base de comparação, os destaques foram o Consumo do Governo (0,7%) e as Exportações (9,4%). Mesmo com a volta do auxílio emergencial, o desemprego elevado e a inflação de itens essenciais em patamares recordes afetaram diretamente o consumo das famílias que teve crescimento nulo.

Em relação ao segundo trimestre de 2020, o PIB cresceu 12,4%, a segunda alta consecutiva após uma sequência de quatro resultados negativos. Taxa dentro das previsões, pela base de comparação muito deprimida, na qual a atividade econômica registrou uma contração de 10,9%, em razão das medidas restritivas sobre a atividade econômica para controlar os casos da covid-19.

As taxas de crescimento muito elevadas do segundo trimestre de 2021, mostram que a atividade econômica do segundo trimestre de 2020 estava muito comprimida. Pelo lado da produção, todos os setores cresceram. A agropecuária (1,3%) apresentou o menor desempenho já que foi pouco afetada pela pandemia em 2020. Os setores mais atingidos recuperaram em parte as perdas de 2020, a indústria (17,8%) e serviços (10,8%) com taxas bem expressivas.

Todos os componentes da demanda cresceram, com destaque para os que mais sofreram com a pandemia no segundo trimestre de 2020, o Consumo das famílias (10,8%) e os investimentos (32,9%), elevando a taxa de investimento para 18,2% do PIB no 2º trimestre, contra 15,1% no mesmo período de 2020.

No primeiro semestre, o PIB já acumula uma alta de 6,4%, diante de uma base bem contraída em 2020. Os resultados, nessa comparação, seja pelo lado da produção ou da demanda foram positivos, apenas o consumo do governo teve uma leve queda de 0,4%, com destaque para os investimentos que cresceram 24,3%.

Dessa forma, os avanços da imunização da população e os consequentes ganhos de mobilidade devem impulsionar o resultado do terceiro trimestre, mas o aumento de casos da variante Delta pode ser o principal fator de risco pela maior transmissibilidade que leva ao aumento de casos com possíveis novas restrições à mobilidade e reabertura de atividades que exigem contato físico. Outro fator negativo que está em evidência é a crise hídrica que juntamente com a variante Delta é mais um componente negativo na trajetória do PIB em 2021.

Na última edição de julho do relatório "World Economic Outlook", o FMI fez um forte ajuste para cima na projeção de crescimento da economia do Brasil para este ano. Pelas novas estimativas, a instituição espera alta de 5,3% da economia do país este ano. Comparada à estimativa de 3,7% de crescimento publicada em abril, houve, portanto, elevação de 1,6

ponto percentual. Com a maior alta esperada para este ano, a projeção para 2022 foi reduzida em 0,7 ponto, de 2,6% para 1,9%. O FMI explica que as projeções brasileiras melhoraram bastante por conta de resultados de atividade econômica acima do esperado no primeiro semestre e da demonstração de força das exportações, em especial de commodities.

Os números, principalmente para 2022, reforçam a percepção de que a economia continuará a se recuperar, mas em um ritmo insuficiente para baixar significativamente a taxa de desocupação. Além disso, a inflação continua elevada, o que tira poder de compra de boa parte dos trabalhadores e os juros seguem trajetória de alta que adia as decisões de consumo e investimentos. Se não fossem suficientes esses fatores, a antecipação do calendário eleitoral e a crise entre os poderes geram um ambiente de incerteza o que inibe os investimentos internos e externos no país, comprometendo uma retomada mais sustentável da atividade econômica nos próximos anos o que fica demonstrado nas previsões do FMI para 2022.

## **ESTADUAL**

A atividade econômica da Bahia apresentou uma boa recuperação no segundo trimestre, com exceção da indústria geral. Com base nos dados das pesquisas mensais do IBGE, referentes ao segundo trimestre e consolidado o primeiro semestre de 2021, com sistematizações e análises da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI) os resultados mostraram uma recuperação no comércio varejista e serviços, diante da redução dos casos de covid-19, e a consequente flexibilização das atividades econômicas ligadas aos dois setores. A indústria geral (extrativa e transformação) sofreu os efeitos negativos do fechamento da indústria automotiva e da venda da Refinaria Landulpho Alves (Rlam) e a agricultura mais uma vez vem apresentando bons resultados em várias culturas.

A indústria geral apresentou resultados negativos no segundo trimestre e no primeiro semestre em comparação a 2020, com quedas de 11,8% e 15,0%, respectivamente. Em relação ao primeiro trimestre, a indústria geral registrou retração de 18,0%.

As vendas no comércio varejista, diante do processo gradual de flexibilização das atividades do setor, voltaram a crescer a partir de abril, registrando três meses sucessivos de expansão. O crescimento do segundo trimestre na comparação interanual foi de 9,2%, embora a base de comparação esteja muito baixa devido à pandemia. No semestre a taxa foi positiva em 10,6%, sendo o maior crescimento de vendas já registrado para o estado num primeiro semestre em 11 anos, desde 2010. O ritmo de recuperação do setor fica evidente quando se compara o segundo trimestre com o anterior com crescimento de 11,9%, ante uma queda de 10,0% no primeiro trimestre.

O setor de serviços, o mais afetado pelas medidas adotadas para controlar a disseminação do coronavírus, a partir de abril voltou a recuperar as perdas com a flexibilização das atividades do setor, crescendo nos três meses do segundo trimestre. Essas medidas afetaram positivamente o resultado do setor no segundo trimestre em relação ao segundo do ano passado, com taxa de crescimento de 28,3%. Já no primeiro semestre a taxa foi mais modesta de 6,5%. A recuperação do setor é ratificada também quando se compara o segundo trimestre com o primeiro de 2021 que aumentou 9,2%.

O movimento de alta das exportações em 2021 vem sendo ditado pela retomada da atividade econômica no mundo, com países iniciando uma saída mais rápida da pandemia do coronavírus.

Além da continuidade de crescimento das vendas para a China (40,5%), as exportações tiveram impulso de regiões que haviam reduzido as compras de produtos baianos durante a fase aguda da crise sanitária em 2020 e que agora voltaram a comprar mais, como Estados Unidos (36,3%), União Europeia (25,6%) e Argentina (30,8%). No acumulado do primeiro semestre, as exportações baianas somaram US\$ 4,41 bilhões, 20% acima de igual período de 2020.

A agricultura mais uma vez vai registrar crescimento com novo recorde na safra de grãos, conforme o sexto Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), relativo a junho deste ano. Mantém estimativa da produção de cereais, oleaginosas e leguminosas, em 10,4 milhões de toneladas em 2021, o que representa aumento de 4,1% na comparação com a safra 2020 – que foi o melhor resultado da série histórica da pesquisa.

Diante desses resultados positivos e pela base de comparação deprimida, o PIB do segundo trimestre em relação a 2020 registrou crescimento de 6,7% que não foi mais forte devido ao desempenho negativo da indústria geral. Em relação ao primeiro trimestre o PIB registrou uma leve queda de 0,3%.

Na comparação com o segundo trimestre de 2020, a agropecuária e serviços impulsionaram o resultado do PIB com variações positivas de 7,1% e 9,2%, respectivamente, enquanto a indústria recuava 2,1% puxada pela queda da indústria de transformação, 9,1%, refletindo os resultados negativos nas atividades de veículos (53,8%), explicada pelo fechamento da principal indústria automotiva e também derivados de petróleo e biocombustíveis (52,0%) pela retração na produção. No setor de serviços, os destaques foram para as atividades de comércio (30,5%) e outros serviços (6,2%) que representam mais de 30% do setor.

No primeiro semestre, o PIB da Bahia cresceu 3,2%, com a indústria mais uma vez dando sua contribuição negativa com queda de 2,8%. A agropecuária e serviços puxaram a taxa para cima com 7,6% e 4,4%, respectivamente.

Embora, as atividades de eletricidade e água (8,0%) e construção (2,7%) tivessem desempenho positivo, a indústria de transformação pelo maior peso no setor e pela magnitude da retração (8,6%) foi responsável pela retração da indústria. Comércio (18,3%), transportes (10,2%) e administração pública (1,2%) contribuíram para o bom resultado do setor de serviços.

Para segundo semestre 2021, as projeções sinalizam que o crescimento do PIB vai depender, fundamentalmente, do controle da pandemia e do número de vacinados em relação à população, possibilitando a reabertura das atividades e a confiança do consumidor para demandar esses serviços ou atividades em que o contato presencial é quase indispensável, como hotelaria, bares, restaurantes, serviços prestados às famílias, e componentes do setor de serviços que ainda estão bastante deprimidos.

O crescimento dessas atividades no segundo semestre deverá compensar o desempenho negativo da indústria de transformação, afetado pelo encerramento das atividades da fábrica da Ford em Camaçari, e seus impactos diretos e indiretos sobre a atividade econômica como um todo.

Além disso, outra questão já presente nas prioridades do governo e nas análises dos especialistas sobre o desempenho do PIB no segundo semestre está ligada ao racionamento de energia e de água. Se ocorrer problemas no fornecimento de energia, pode haver impacto negativo na atividade econômica que ainda não se recuperou totalmente da pandemia. Por enquanto, o impacto estaria restrito à inflação com a elevação da bandeira tarifária sobre as contas de luz, que também afeta negativamente a atividade econômica via aumento da taxa de juros (Selic).

Portanto, as perspectivas para os próximos meses ainda são de uma recuperação da atividade econômica, embora em ritmo mais modesto, devido às incertezas políticas, o aumento dos juros, inflação elevada, risco hídrico e o elevado desemprego, associados a ameaça da variante Delta, muito mais contagiosa. Para que o risco da nova variante não se torne realidade, o ritmo de vacinação está sendo acelerado, o que pode evitar uma terceira onda da covid-19 e a consequente queda da atividade econômica.

## AGROPECUÁRIA

Pedro Marques de Santana  
*pedromarques@sei.ba.gov.br*

### Cenário nacional

#### Agricultura

Estiagem prolongada e geadas nos estados da região Centro-Sul do país reverteram a expectativa de nova safra recorde de grãos no Brasil. De acordo com a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), em seu décimo primeiro levantamento, o volume de produção de grãos estimado em 254 milhões de toneladas (t) no ciclo 2020/2021 ficou 1,2% abaixo do observado na safra 2019/2020. As perdas provocadas pelos efeitos climáticos adversos atingiram principalmente as culturas de segunda safra, sobretudo a do milho.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) também destacou os efeitos do clima sobre o resultado da produção de grãos em 2021, destacando que a 2ª safra de milho sofreu perda de produtividade em razão do plantio tardio e da falta de chuvas durante o ciclo da cultura. Ainda assim, a instituição projeta uma safra recorde anual de 256,1 milhões de toneladas, ligeiramente superior (0,8%) à de 2020, em que se destaca o crescimento da produção de soja e de arroz.

#### Pecuária

Com relação à atividade pecuária, os resultados preliminares do IBGE apontaram queda no abate de bovinos (4,5%), e crescimento no de suínos (7,1%) e de frangos (7,4%) na comparação entre o segundo trimestre de 2021 e o mesmo trimestre de 2020. Na comparação com o primeiro trimestre de 2021, houve aumento no abate de bovinos (7,7%) e no de suínos (3,2%) e queda no de frangos (-3,0%). Em números absolutos, no 2º trimestre do ano, foram abatidos 7,07 milhões de bovinos, 13,03 milhões de suínos e 1,52 bilhão de cabeças de frangos.

O volume de leite cru adquirido pelos estabelecimentos sob inspeção sanitária municipal, estadual ou federal somou 5,80 bilhões de litros no segundo trimestre de 2021, registrando queda de 1,2% em relação ao mesmo período de 2020 e de 11,5% na comparação com o trimestre anterior. A produção de ovos de galinha, por sua vez, totalizou cerca de 977,00 milhões de dúzias, mantendo-se praticamente em mesmo patamar nas comparações anual e trimestral.

Diante desse cenário, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) revisou de 2,6% para 1,7% sua previsão de crescimento do valor adicionado do setor agropecuário do ano corrente no Brasil.

## Bahia

### Agricultura

A Bahia representa cerca de 4,0% do volume de produção de grãos do país em 2021. O estado pode alcançar um nível recorde de produção pelo segundo ano consecutivo, beneficiado pelas condições climáticas e de mercado favoráveis, sobretudo, para o plantio e o desenvolvimento da lavoura de soja da região oeste.

O sétimo Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA/IBGE), relativo a julho deste ano, estimou a produção de cereais, oleaginosas e leguminosas<sup>1</sup>, na Bahia, em 10,5 milhões de toneladas em 2021, o que representa crescimento de 4,8% na comparação com a safra de 2020 – que foi, até o momento, o melhor resultado da série histórica do levantamento.

Destaque positivo para a soja, que, com a colheita concluída, alcançou sua máxima histórica. Por outro lado, as demais culturas terão níveis de produção inferiores aos de 2020, em razão de fatores climáticos (milho), assim como de mercado (algodão e feijão).

As áreas plantada e colhida ficaram ambas estimadas em 3,2 milhões de hectares (ha), o que corresponde, nas projeções do IBGE, a uma expansão de 2,6% na comparação anual. Dessa forma, a produtividade média estimada para a safra de grãos, no estado, foi de 3,29 t/ha, o que representa alta de 2,1% na mesma base de comparação.

Na mesma perspectiva de safra recorde, a Conab<sup>2</sup>, em seu décimo primeiro levantamento, estima que a produção baiana de grãos alcance 10,4 milhões de toneladas na safra 2020/2021, o que representa uma alta de 3,2% em relação ao ciclo 2019/2020. A consolidação das perdas estimadas nas lavouras do algodão, do milho e do feijão teve o maior impacto sobre o resultado. Ainda assim, o ciclo atual terá o melhor desempenho da série histórica da instituição (Gráfico 1).

A área plantada total ficou estimada em 3,2 milhões ha, resultando numa variação positiva (4,4%) na comparação com o ciclo anterior. O rendimento médio, portanto, ficou calculado em torno de 3,2 t/ha, o que corresponde a uma queda de 1,1% sobre a safra passada.

O efeito da pandemia sobre o consumo de vestuário impactou os níveis de rentabilidade esperada do algodão para 2021, o que fez com que os produtores reduzissem a área plantada com a pluma. Com isso, a produção de algodão na Bahia, que se destaca nacionalmente pela qualidade da fibra, assistiu a uma retração em seu volume, ainda que tenham sido mantidos os níveis de produtividade média do produto.

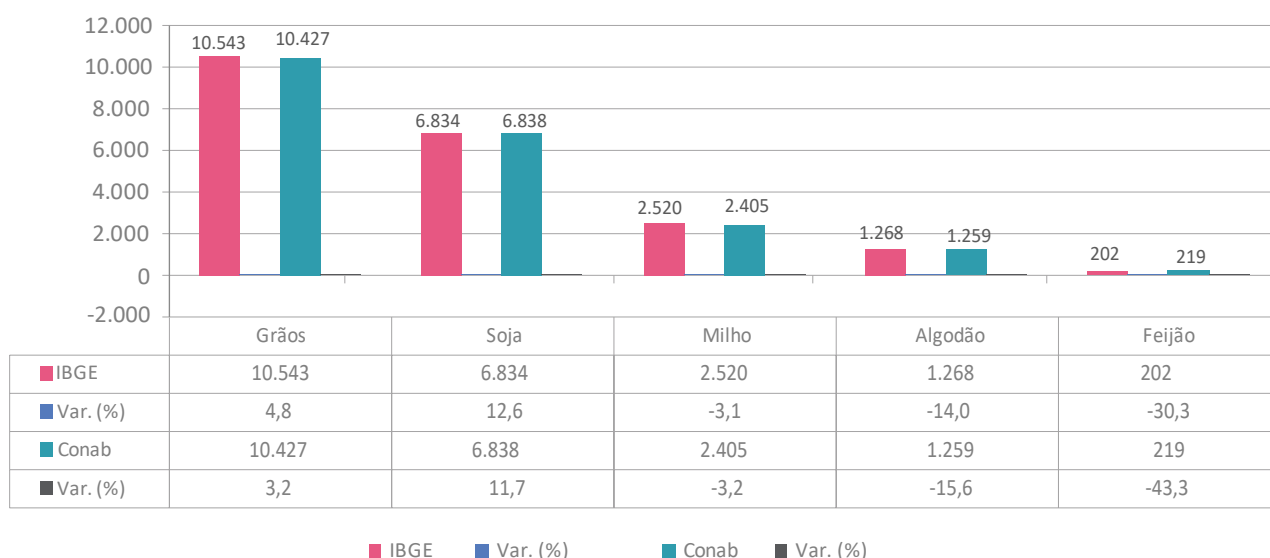
1 Algodão (caroço de algodão), amendoim, arroz, aveia, centeio, cevada, feijão, girassol, mamona, milho, soja, sorgo, trigo e triticale.

2 Os dados levantados pela Conab seguem a temporalidade do calendário-safra, que vai de outubro do ano anterior a setembro do ano seguinte, diferentemente do IBGE, que tem o ano civil como referência para fins de levantamento da produção agrícola.

### Gráfico 1

#### Estimativas comparadas da safra de grãos

#### Bahia – 2021/2020



Fonte: Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos (2021) e Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (2021).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Nota: valores em mil toneladas.

A produção de algodão (caroço e pluma), em 2021, ficou projetada em torno de 1,27 milhão t, que corresponde a uma retração de 14,0% na comparação anual. A estimativa de área plantada (268 mil ha) apresentou recuo de 14,9% em relação a 2020.

A produção ficou projetada em 1,26 milhão t, recuo de 15,6% na comparação com a safra anterior. A área plantada com a fibra ficou estimada em 267 mil ha, cerca de 15,0% inferior à do ciclo passado, o que revelou uma menor disposição dos produtores para o cultivo do algodão na atual temporada.

Marcada por condições de mercado vantajosas, em razão dos preços internos e do câmbio em patamares elevados assim como da forte demanda asiática pelo produto, sobretudo a chinesa, a produção de soja, na Bahia, deve alcançar volume recorde pelo segundo ano consecutivo.

A soja, cuja colheita já está concluída, deve-se manter no patamar de 6,8 milhões de toneladas - a maior da série histórica do levantamento -, o que corresponde a uma alta de 12,6% em relação a 2020. A área plantada com a oleaginosa somou 1,7 milhão ha, que supera em 4,9% a de 2020. Segundo o IBGE, a soja baiana apresentou a maior produtividade média (4.020 kg/ha) do Brasil.



A Conab também estima que a produção de soja tenha alcançado 6,8 milhões de toneladas, resultado que supera em 11,7% o da safra 2019/2020. A expansão da área plantada (5,0%) esteve associada ao bom nível de rentabilidade esperada pelos produtores no ciclo atual, em razão do câmbio favorável às exportações e dos preços internos elevados.

A situação dos preços internos favoráveis também atuou sobre a produção do milho. A distribuição espacial e temporalmente irregular das chuvas, não obstante, prejudicou o desenvolvimento da lavoura, que, apesar do incremento da área plantada, registrou queda da produção estimada.

A expectativa para as duas safras anuais de milho totalizou 2,5 milhões de toneladas em 2021, o que corresponde ainda a uma retração de 3,1% na comparação anual. Com relação à área plantada (670 mil ha), o IBGE indica uma expansão de 7,5% sobre a de 2020. A estimativa da 1ª safra do cereal ficou em 1,9 milhão t (5,5% superior à de 2020) e a da 2ª safra (620 mil t) teve recuo interanual de 22,5%.

A área plantada (694 mil ha) superou em 17,1% a do ciclo 2019/2020. A produção estimada (2,4 milhões t) caiu 3,2% frente à safra anterior. Ficou assim distribuída a produção de milho no estado, segundo a Conab: a 1ª safra (verão), cujo volume produzido foi de 1,9 milhão t, superou 6,4% a do ciclo anterior; a 3ª safra do cereal (inverno), estimada em 504 mil t, ficou muito abaixo (27,7%) do volume alcançado na safra passada.

A má distribuição de chuvas, associada à baixa rentabilidade, são os principais determinantes do resultado da lavoura, cuja produção é predominantemente em área não irrigada (sequeiro).

Na atual temporada, a produção total de feijão deve somar 202 mil toneladas, o que implica um recuo 30,3% em relação a 2020. O levantamento revela uma área plantada de 417 mil ha, cerca 1,7% inferior à verificada no ano passado.

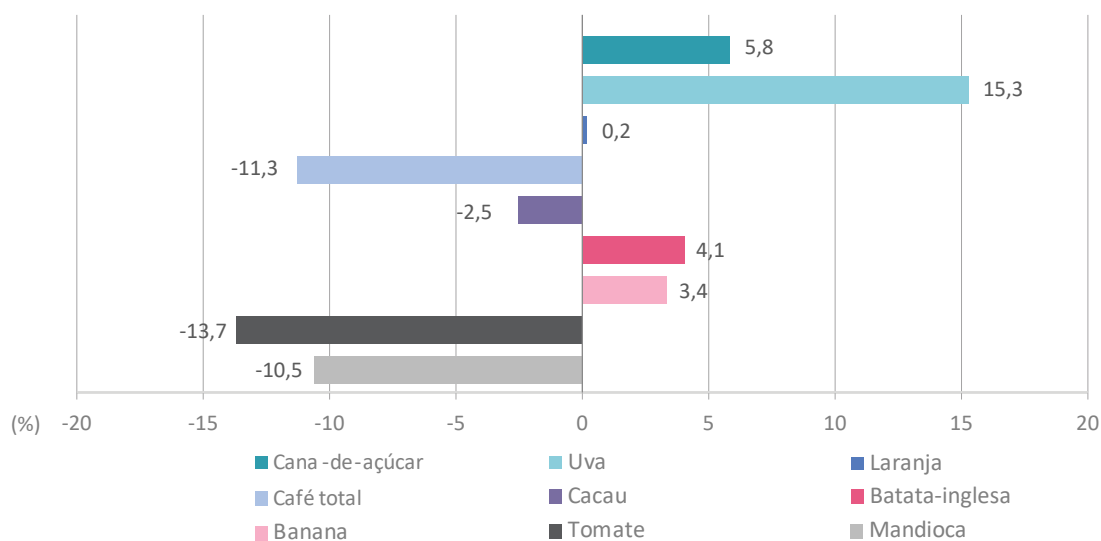
Para o feijão, a Conab prevê uma queda (-43,3%) da produção total (219 mil t) ainda mais acentuada. O recuo de área plantada (-3,9%) evidencia o desestímulo dos produtores, agravado pela má distribuição das chuvas. Com isso, a produção anual alcançou uma produtividade média de 516 kg/ha na temporada 2020/2021, cerca de 41,0% abaixo do verificado no ciclo anterior.

Para a lavoura da cana-de-açúcar, o IBGE estima 5,4 milhões de toneladas, alta de 5,8% em relação à safra anterior. A estimativa de cacau ficou projetada em 115 mil t, queda de 2,5% na comparação com 2020.

A produção de café deve somar 218,2 mil t, 11,3% abaixo da produção verificada no ano passado. A safra do tipo arábica ficou projetada em 92 mil t, variação negativa anual de 23,7%, e a da *canéfora*, em 126,2 mil t, correspondendo a um ligeiro aumento de 0,5%, na mesma base de comparação.

### Gráfico 2

#### Variação anual da produção de outras lavouras permanentes e temporárias Bahia – 2021/2020



Fonte: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (2021).  
Elaboração: SEI/Distat/CAC.

As estimativas para as lavouras de banana (878,5 mil t), laranja (634,3 mil t) e uva (52,3 mil t) registraram, respectivamente, variações positivas de 3,4%, 0,2% e 15,3%, em relação à safra anterior. As projeções ainda indicam uma produção de 861,5 mil toneladas de mandioca, 10,5% inferior à de 2020. A batata-inglesa teve sua produção estimada em 387 mil toneladas. O tomate teve queda nas projeções (13,7%), que ficaram estimadas em 208,2 mil toneladas.

### Pecuária

Com relação à atividade pecuária, os resultados preliminares do IBGE<sup>3</sup> apontaram queda no abate de bovinos (16,2%), e crescimento no de suínos (34,9%) e de frangos (4,3%) na comparação entre o primeiro trimestre de 2021 e o mesmo trimestre de 2020. Em números absolutos, no 1º trimestre do ano, foram abatidos 208,27 mil bovinos, 39,39 mil suínos e 33,2 milhões de cabeças de frangos.

<sup>3</sup> Até o fechamento da edição deste boletim, as informações regionais disponíveis pelo IBGE relativas à atividade pecuária referiam-se ao 1º trimestre de 2021.

O volume de leite cru adquirido pelos estabelecimentos sob inspeção sanitária municipal, estadual ou federal somou 159,87 milhões de litros no primeiro trimestre de 2021, registrando crescimento de 14,8% em relação ao mesmo período de 2020. A produção de ovos de galinha, por sua vez, totalizou cerca de 18,04 milhões de dúzias, o que corresponde a um aumento de 28,0% na comparação anual.

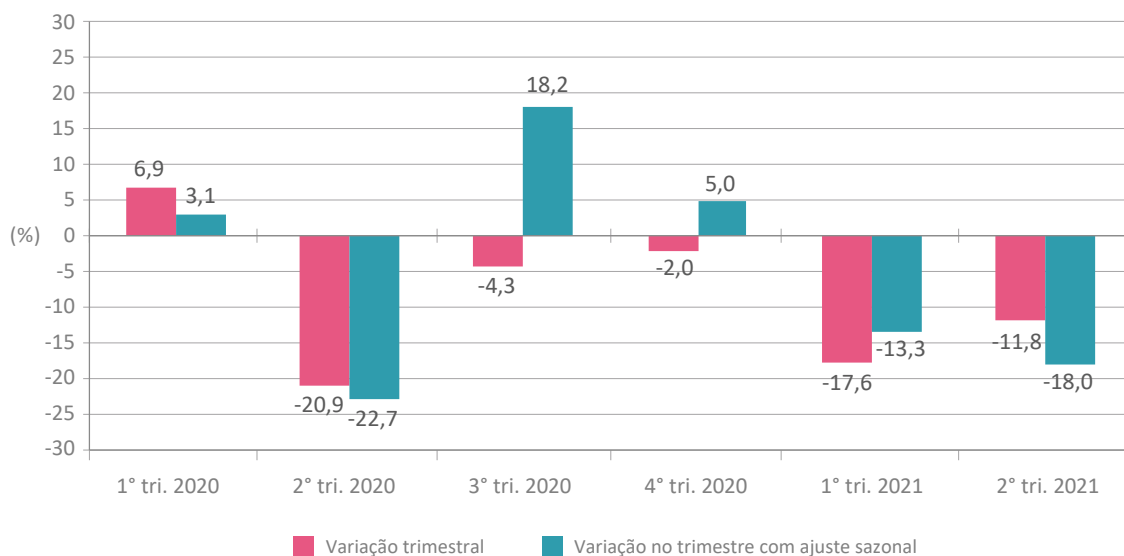
## PRODUÇÃO INDUSTRIAL

Carla Janira Souza do Nascimento  
carlajanira@sei.ba.gov.br

No segundo trimestre do ano, com o avanço da vacinação, a maior circulação de pessoas e a melhora do setor de serviços, observa-se aumento natural na demanda de determinados setores da indústria, pois, a confiança dos empresários tem avançado gradativamente, sinalizando manutenção da tendência de recuperação da economia. Entretanto, fatores locais corroboraram para impedir o crescimento da indústria baiana no semestre, como a suspensão das atividades na indústria de automóveis instalada no estado, que além de reduzir a produção de veículos, também, afeta fornecedores de insumos locais; e, parada para manutenção de determinadas indústrias.

O indicador da produção física da indústria (extrativa e de transformação) baiana, com base nos dados da Pesquisa Industrial Mensal (PIM) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>4</sup>, de 2021, na série com ajuste sazonal, conforme dados ilustrados no Gráfico 1, apresentou

**Gráfico 1**  
**Produção física industrial**  
**Bahia – 1º tri. 2020-2º tri. 2021**



Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal (2021).

Elaboração: SEI/CAC.

Nota: Variação no trimestre em relação ao mesmo período do ano anterior.  
Variação no trimestre em relação ao trimestre anterior.

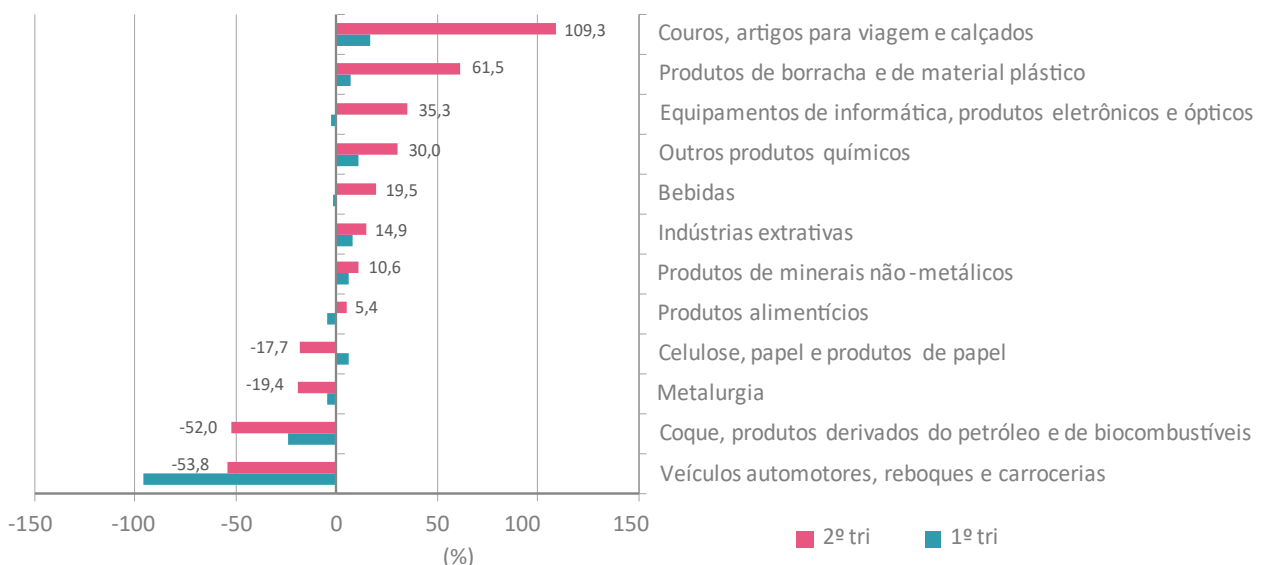
4 PESQUISA INDUSTRIAL MENSAL: produção física: regional. Rio de Janeiro: IBGE, jun. 2021. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/232/pim\\_pfr\\_2021\\_jun.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/232/pim_pfr_2021_jun.pdf) Acesso em: 12 ago. 2021.

intensificação do declínio entre o primeiro trimestre e segundo trimestre de 2021, passando de -13,3% para -18,0%, comparados com os trimestres exatamente anteriores.

Por sua vez, na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior, a indústria baiana registrou, no segundo trimestre, queda de 11,8%, 9,1 pontos percentuais acima da taxa observada no segundo trimestre de 2020, e 5,8 pontos percentuais acima da taxa observada no primeiro trimestre de 2021 (Gráfico 1). No mesmo período, a produção industrial do país aumentou 22,6%.

O arrefecimento na queda observada no total da produção industrial na passagem do primeiro trimestre para o segundo trimestre de 2021, foi explicada, principalmente, pelo avanço dos setores de Produtos químicos, que passou de 11,3% para 30,0%; Couro, artigos para viagem e calçados, de 17,2% para 109,3%; Produtos de borracha e material plástico, de 7,1% para 61,5%; Extrativas, de 7,7% para 14,9%; Minerais não metálicos, de 6,0% para 10,6%; e Bebidas, de -1,4% para 19,5% (Gráfico 2). Porém, observou-se intensificação nos recuos em Derivados de petróleo, que passou de -24,3% para -52,0%; e Metalurgia, de -4,2% para -19,4%.

**Gráfico 2**  
**Variações trimestrais por setores da indústria**  
**Bahia – 1º tri. 2021-2º tri. 2021**



Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal (2021).

Elaboração: SEI/CAC.

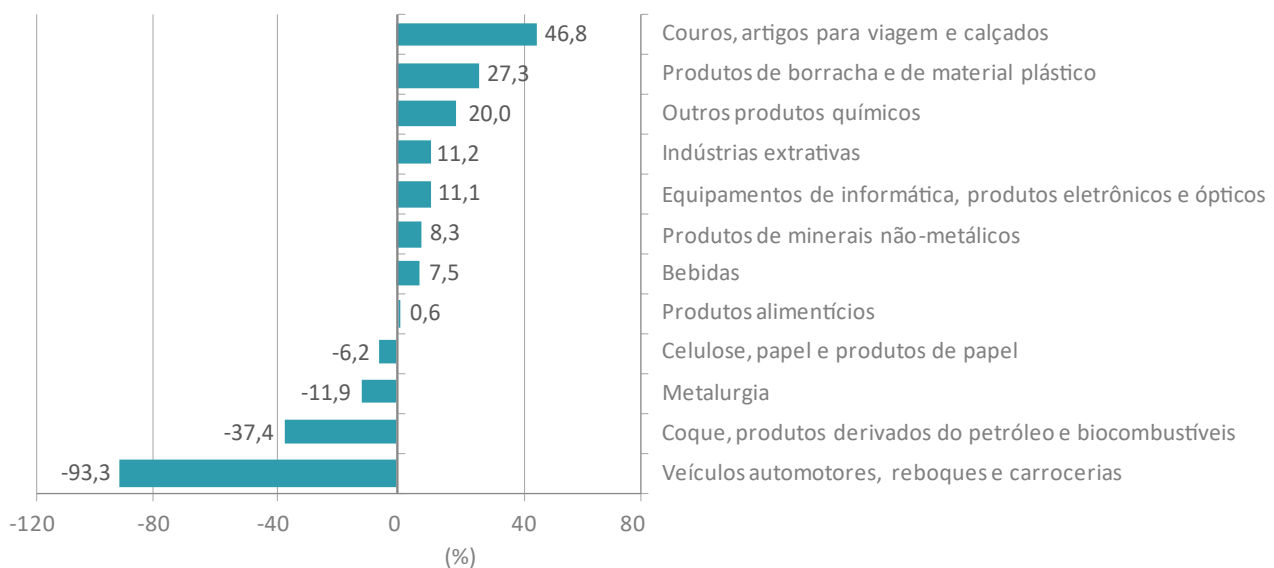
Nota: Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

Ressalta-se que, nesse último trimestre, houve resultados positivos elevados, influenciados, em grande parte, pela baixa base de comparação, já que no mesmo período do ano anterior, o

setor industrial foi pressionado pelo aprofundamento das paralisações ocorridas em diversas plantas industriais, por conta do movimento de distanciamento social durante a pandemia de covid-19.

A análise do desempenho das atividades da indústria evidencia os elementos para o declínio no primeiro semestre de 2021, após a leve retomada no quarto trimestre de 2020. Na comparação semestral, a maioria dos segmentos da indústria baiana registra aumento na produção, conforme dados ilustrados no Gráfico 3. Porém, aqueles que registraram recuo têm importante participação no valor da transformação industrial (cerca de 49,0%), refletindo na forte queda da produção industrial no estado no período, com taxa de -15,0%.

**Gráfico 3**  
**Produção física da indústria por setores de atividade**  
**Bahia – Jan.-mar. 2021**



Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal (2021).

Elaboração: SEI/CAC.

Nota: Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

Considerando-se os segmentos que mais influenciaram o resultado negativo da indústria baiana tem-se, inicialmente, a indústria de Derivados de petróleo, impulsionada pela queda na produção de óleo combustível, óleo diesel e naftas para petroquímica. Segundo relatório de produção e vendas do segundo trimestre da Petrobrás<sup>5</sup>, a principal refinaria instalada no estado teve parada programada para manutenção durante o segundo trimestre do ano, o que levou a impacto significativo na produção do setor.

<sup>5</sup> PETROBRAS. Relatório de produção e vendas. 2º trimestre. Disponível em: <https://www.investidorpetrobras.com.br/resultados-e-comunicados/comunicados-ao-mercado/>. Acesso em: 22 jul. 2021.

O setor Veículos apresentou a segunda maior contribuição para a taxa negativa da indústria baiana no período, pois teve as atividades da unidade de produção local de automóveis, encerradas em janeiro de 2021. No primeiro semestre do ano, a produção caiu 93,3%. Segundo a montadora, na publicação Ford Media Center de janeiro de 2021<sup>6</sup>, a decisão de encerrar a produção no estado foi motivada por processo de reestruturação global da empresa.

O setor Metalúrgico foi impactado, principalmente na produção de cobre com redução na produção de barras, perfis e vergalhões de cobre e de ligas de cobre. Simultaneamente, o mesmo vem sendo afetado pelo encerramento das atividades de unidade fabril de ferroligas de manganês, localizada em Simões Filho, que ocorreu em fins de 2020, de acordo com o divulgado pela empresa Vale em novembro<sup>7</sup>.

A produção de Celulose e papel passa por uma fase de acomodação após o segmento ter sido bastante demandado na pandemia. Com a crise sanitária, houve grande procura por embalagens para produtos vendidos no sistema de *delivery*, por exemplo. Assim, após o crescimento significativo do setor no quarto trimestre de 2020 e no primeiro trimestre deste ano, com taxas de, respectivamente, 7,6% e 5,8%, o segundo trimestre deste ano registrou declínio de 17,7%.

A principal contribuição positiva para o acumulado no ano veio do setor de Produtos químicos, que apresentou aumento de 20,0% no período, atribuído, principalmente, ao crescimento na produção de princípios ativos para herbicidas, acrilonitrila e etileno não saturado.

O setor de Couro e calçados foi um dos setores mais afetados da indústria baiana durante a pandemia, com encerramento de atividades por algumas empresas de calçados e demissão de vários funcionários. Porém, a abertura do varejo físico a partir do segundo semestre de 2020 foi fundamental para a recuperação gradual do setor. No quarto trimestre de 2020 o setor alcançou crescimento de 6,4%, em relação ao mesmo período do ano anterior. E no primeiro semestre de 2021, o setor manteve o crescimento observado no último trimestre de 2020, e alcançou taxa de 46,8%.

Por sua vez, o segmento de Borracha e material plástico, com aumento de 27,3%, teve o desempenho influenciado, principalmente pelo aumento na produção de pneus novos para automóveis, caminhões e ônibus.

6 FORD MEDIA CENTER. Ford avança na reestruturação da América do Sul, encerra as operações de manufatura no Brasil e atende clientes com nova linha de produtos. Disponível em: <https://media.ford.com/content/fordmedia/fsa/br/pt/news/2021/01/11/ford-avanca-na-reestruturacao-da-america-do-sul--encerra-as-oper.html>. Acesso em: 11 jan. 2021.

7 VALE. Vale informa que encerrará a operação de ferroligas da Vale Manganês, em Simões Filho. Disponível em: <http://www.vale.com/brasil/PT/aboutvale/news/Paginas/vale-informa-que-encerrara-a-operacao-de-ferroligas-da-vale-manganes-em-simoes-filho.aspx>. Acesso em: 19 nov. 2020.

A produção de Minerais não metálicos, que avançou 8,3%, foi impactada pela melhora nas vendas de materiais de construção, que aumentou 35,2% no semestre, de acordo com a Pesquisa Mensal do Comércio, do IBGE. Assim, houve aumento, principalmente, na fabricação de ladrilhos, placas e azulejos de cerâmica p/ pavimentação ou revestimentos esmaltados; massa de concreto; e elementos pré-fabricados para construção civil de cimento ou concreto.

A indústria de Bebidas, que teve queda de 1,4% no primeiro trimestre, comparada ao mesmo período do ano anterior, apresentou expansão de 19,5% no segundo trimestre, acumulando, nos dois trimestres, crescimento de 7,5%, impactada pelo aumento na produção de cervejas, chopes e águas minerais naturais. A flexibilização nas medidas de distanciamento social, com abertura de bares e restaurantes, ainda que dentro dos protocolos exigidos, reduz os estoques de bebidas e propicia a maior produção dos mesmos.

O setor de Produtos alimentícios que registrou queda no primeiro trimestre, com taxa de -4,4%, apresentou aumento de 5,4% no segundo trimestre, acumulando no semestre acréscimo de 0,6%. O desempenho no trimestre foi influenciado pela retomada da economia mundial e pelos preços favoráveis no mercado internacional. Na Bahia, houve aumento, principalmente, na produção de açúcar cristal e pasta de cacau.

A indústria Extrativa, de acordo com a Pesquisa Industrial Mensal do IBGE, cresceu 11,2% no primeiro semestre de 2021, principalmente em decorrência do aumento na produção de magnésia, outros óxidos de magnésio e carbonato de magnésio natural; gás natural; e minérios de cobre em bruto ou beneficiado.

Entre os fatores negativos que contribuem para queda da produção industrial baiana tem-se: os elevados estoques que acarretam em atraso para novas encomendas em determinadas atividades industriais; a escassez e encarecimento dos insumos para algumas indústrias, que desencadeia atrasos em toda a cadeia produtiva; a queda da massa de salários real, impactada pela elevada taxa de desemprego, aumento da inflação e redução dos recursos do auxílio emergencial para a população de baixa renda; e a lenta imunização da população, comparada a outros países.

Por sua vez, os aspectos positivos para a indústria baiana em 2021 estão relacionados aos segmentos direcionados à demanda externa, para os países asiáticos, parte da Europa e Estados Unidos, que avançam mais rapidamente no processo de imunização da população, e contribuem no sentido de impulsionar o crescimento da demanda mundial. E, também, o aumento nos preços das commodities que favorecem a competitividade de parte do setor produtivo local.

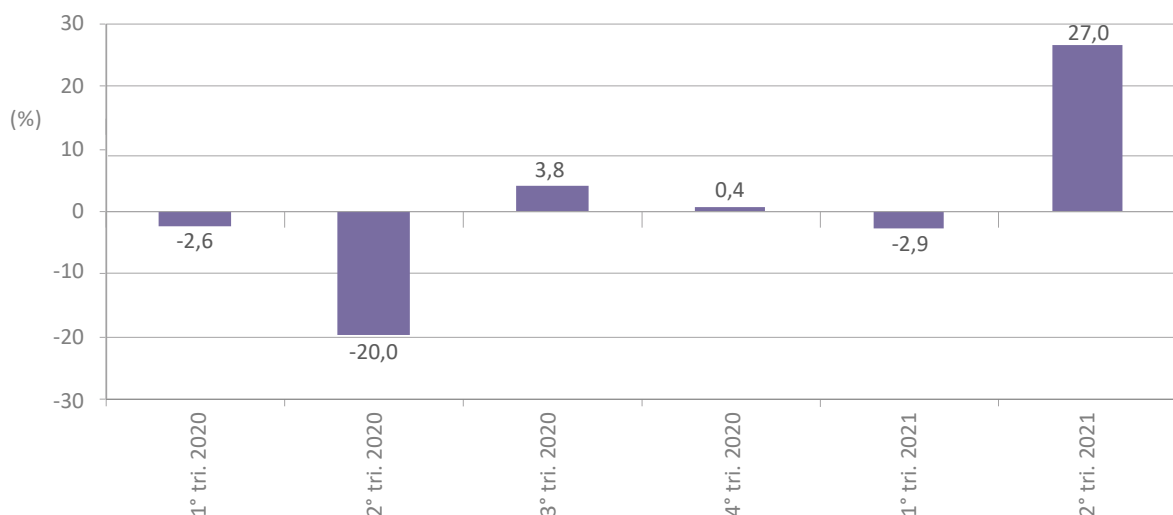


## Comércio Varejista

Elissandra Alves de Brito  
elissandra@sei.ba.gov.br

O resultado das vendas do comércio varejista no segundo trimestre de 2021 reverteu à trajetória de queda registrada no trimestre imediatamente anterior. De acordo com a Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o volume de vendas do comércio varejista registrou expansão de 27,0%, em relação a igual trimestre do ano anterior (-20,0%) (Gráfico 1). Nessa mesma base de comparação, o varejo nacional apresentou taxa positiva de 14,7%.

**Gráfico 1**  
**Volume de vendas do comércio varejista**  
**Bahia – 1º tri. 2019-2º tri. 2021**



Fonte: IBGE – Pesquisa Mensal do Comércio.

Elaboração: SEI/CAC.

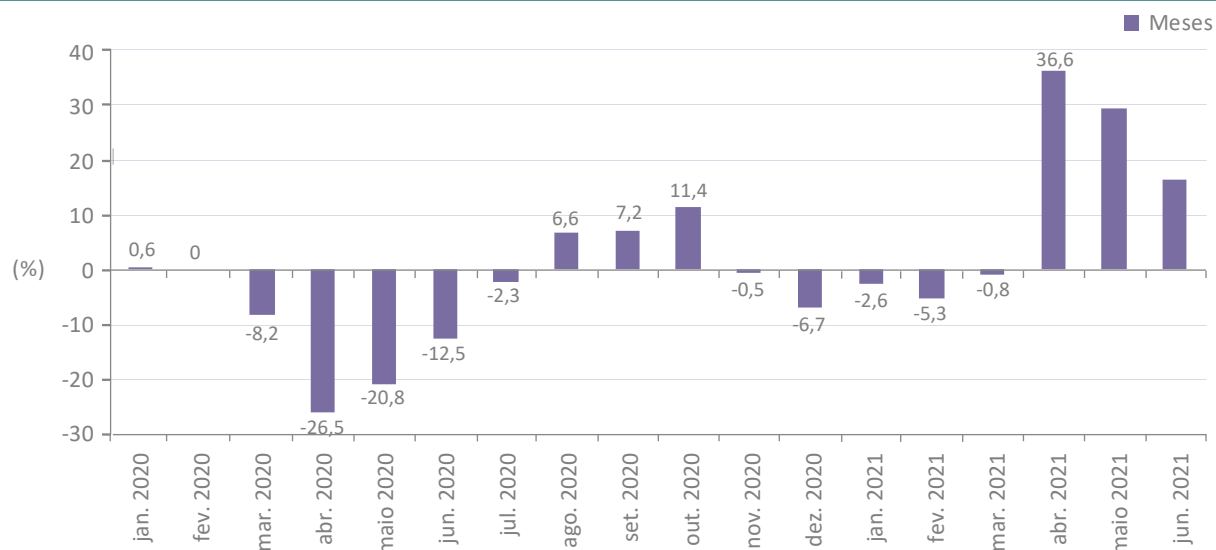
Nota: Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

Apesar da intensidade do crescimento, esse comportamento não significa uma retomada do crescimento. Na comparação interanual, frente a igual período do ano passado, os meses de abril, maio e junho foram os que apresentaram as maiores quedas nas vendas do setor em 2020 (Gráfico 2). Nesse aspecto, o aquecimento dos negócios no segundo trimestre, em grande parte, pode ser atribuído ao efeito estatístico. Por outro lado com o avanço do processo de imunização no país, os consumidores se sentem mais confiantes para irem às compras.

## Gráfico 2

## Volume de vendas do comércio varejista(1)

Bahia – jan.2020 -jun. 2021



Fonte: IBGE – Pesquisa Mensal do Comércio.

Elaboração: SEI/CAC.

Nota: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

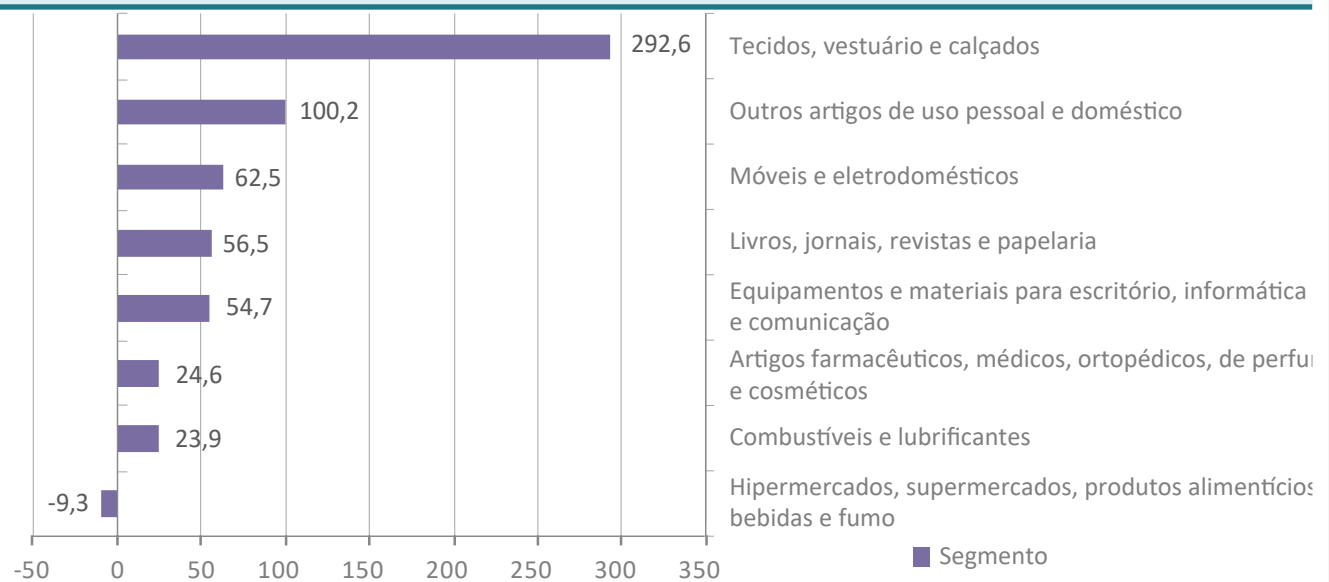
Os riscos de contaminação com o surgimento de variantes do coronavírus é real, mas a redução no número de mortes provocadas por esse vírus surge como um alento para a população. De maneira que mesmo com o valor menor do auxílio emergencial, expansão do desemprego e inflação elevada, as pessoas se sentem encorajadas a retomarem as suas rotinas. A flexibilização das medidas de isolamento social favorece esse sentimento, na medida em que atividades e/ou serviços antes proibidos de funcionarem por conta da pandemia são reabertos.

Nesse trimestre, o comportamento das vendas revelou que os consumidores estão ávidos para retornar a uma rotina que lhes permitam transitar nas ruas do comércio sem a preocupação fatídica de se contaminarem. Das oito atividades que compõem o setor, sete apresentaram comportamento positivo nas vendas, são elas: *Tecidos, vestuário e calçados* (292,6%), *Outros artigos de uso pessoal e doméstico* (100,2%), *Móveis e eletrodomésticos* (62,5%), *Livros, jornais, revistas e papelaria* (56,5%), *Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação* (54,7%), *Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos* (24,6%), e *Combustíveis e lubrificantes* (23,9%). Apenas *Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo* registrou variação negativa (-9,3%) (Gráfico 3).

## Gráfico 3

## Volume de vendas do comércio varejista(1)

Bahia – 2º tri. 2021



Fonte: IBGE – Pesquisa Mensal do Comércio.

Elaboração: SEI/CAC.

Nota: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

O comportamento de *Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo* segmento de maior peso para o indicador de volume de vendas do comércio varejista se deve ao aumento de preços dos alimentos que compõem a cesta básica, ao efeito base, desemprego e redução do auxílio emergencial. No subgrupo *hipermercados e supermercados* houve recuo de 10,8%, na mesma base de comparação. A retração nessa atividade ao longo dos últimos seis meses resultou na taxa negativa de 9,3% e 8,5%, para o segmento e o seu subgrupo, respectivamente.

No acumulado do ano, com exceção de *Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo* (-9,3%) e *Livros, jornais, revistas e papelaria* (-31,3%) que viu suas vendas despencarem com o encerramento das atividades da Livraria Cultura e Livraria Saraiva em Salvador, concomitantemente a uma suspensão das aulas presenciais, todos os demais segmentos que compõem o Indicador de Comércio Varejista registraram variações positivas, com destaque, em termo de magnitude das taxas, para *Tecidos, vestuário e calçados* (43,1%), *Móveis e eletrodomésticos* (39,9%), e *Outros artigos de uso pessoal e doméstico* (37,4%) (Tabela 1).

Numa análise de segmentos na comparação interanual, frente a igual período do ano passado, os comportamentos dessas atividades são justificados pela base fraca de comparação, já que

em 2020, as suas vendas foram comprometidas, dado a adoção de medidas para conter a disseminação do coronavírus, ao avanço da imunização e a liberação de uma nova etapa do auxílio emergencial.

**Tabela 1**  
**Volume de vendas do comércio varejista – no acumulado do ano**  
**Bahia – 2021(1)**

Atividade	(%)
<b>Comércio Varejista</b>	<b>10,6</b>
1 - Combustíveis e lubrificantes	9,6
2 - Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	-9,3
2.1 - Hipermercados e supermercados	-8,5
3 - Tecidos, vestuário e calçados	43,1
4 - Móveis e eletrodomésticos	39,9
4.1 - Móveis	29,7
4.2 - Eletrodomésticos	44,6
5 - Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos e de perfumaria	17,7
6 - Equipamentos e material de escritório, informática e comunicação	10,0
7 - Livros, jornais, revistas e papelaria	-31,3
8 - Outros artigos de uso pessoal e doméstico	37,4
<b>Comércio Varejista Ampliado(2)</b>	<b>16,6</b>
9 - Veículos, motos, partes e peças	46,5
10 - Material de construção	-0,5

Elaboração: SEI/CAC.

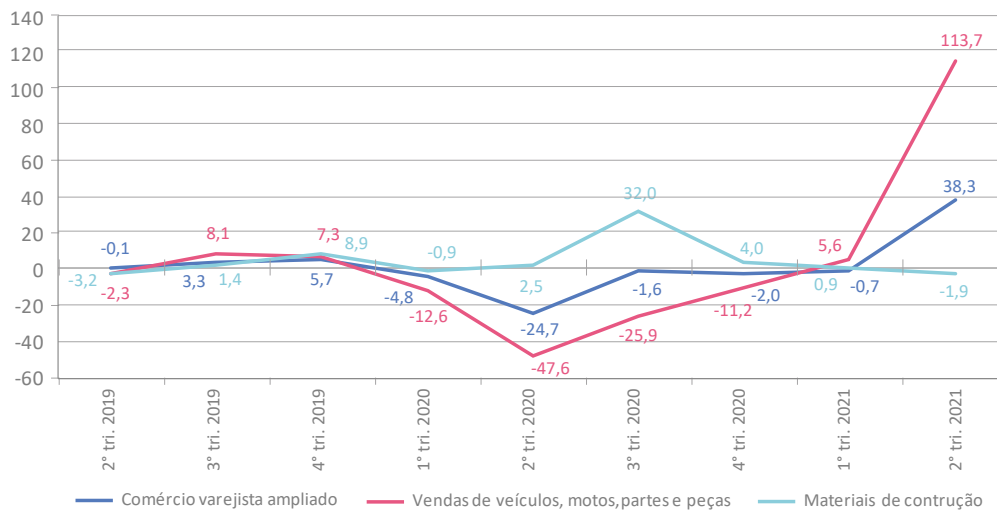
Notas: (1) Compara a variação acumulada do período de referência com igual período do ano anterior.

(2) O indicador do comércio varejista ampliado é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 10.

No comércio varejista ampliado, que inclui o varejo e mais as atividades de *Veículos, motos, partes e peças* e de *Material de construção* a expansão no segundo trimestre foi de 38,3%, em relação a igual trimestre do ano anterior. Esse resultado foi influenciado pelo comportamento de *Veículos, motos, partes e peças* (113,7%) apresentado nos últimos meses. Em contrapartida *Material de construção perde ritmo de crescimento, revelando que a atividade passa por uma acomodação nas vendas*. No segundo trimestre essa atividade registra taxa negativa de 1,9% (Gráfico 4). Em igual comparação, as taxas no país foram positivas em 24,8%, 68,8% e 22,6%, respectivamente.

No acumulado do ano, quando observado o comportamento do comércio ampliado (16,6%) em relação a igual período do ano passado (-14,9%), verifica-se expansão no volume de vendas, mas assim como o restrito, há um efeito base, dado o comprometimento do setor verificado no ano de 2020.

**Gráfico 4**  
**Volume de vendas do comércio varejista ampliado**  
**Bahia – 2º tri. 2019-2º tri. 2021**



Fonte: IBGE – Pesquisa Mensal do Comércio.  
 Elaboração: SEI/CAC.  
 Nota: Variação trimestral.

Nesse período, o comportamento de *Veículos, motos, partes e peças* também refletiu um efeito estatístico, bem como um aumento na produção. De acordo com a Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), a produção de veículos segue em recuperação. As montadoras instaladas no país fabricaram 192,8 mil unidades em maio, ante as 3,9 mil produzidas no mesmo mês de 2020, mês em que houve paralisação das operações por conta da pandemia. Esse movimento resultou para o acumulado do ano uma expansão de 46,6% nas vendas. Fortemente influenciada pelo crédito, essa atividade teve suas vendas comprometidas por doze meses consecutivos em razão do “oceano” de incertezas quanto ao comportamento da atividade econômica no país, provocado pela covid-19. Esse cenário levou as instituições financeiras a restringirem a liberação de crédito, dada a iminente elevação da taxa de inadimplência.

Já *Material de construção* apesar de também ser influenciado pela incerteza, registrando taxas negativas nos três primeiros meses de reconhecimento oficial da pandemia, nos meses subsequentes apresentou crescimentos expressivos, compensando o período em que registrou retração nas vendas. Em junho de 2020, a expansão da atividade chegou a 42,1%, em relação a igual mês de 2019, influenciados pela liberação do auxílio emergencial, flexibilização das medidas de isolamento social na época e uma demanda reprimida.

O seu comportamento no segundo trimestre de 2021 indica que essa atividade passa por um período de acomodação. No acumulado do ano, essa atividade registrou uma suave retração nas vendas (-0,5%).

Assim sendo, as expectativas para o terceiro trimestre de 2021 é que o setor continuará apresentando taxas positivas, embora sejam em ritmos moderados. O desemprego e inflação elevados, o crescimento do endividamento verificado nos últimos meses, bem como a incerteza quanto ao controle da pandemia, dado o avanço da variante Delta no país, tem influenciado a confiança dos consumidores, colocando dúvidas quanto ao ritmo de crescimento econômico nos próximos meses. De acordo com os dados divulgados pela Fundação Getulio Vargas (FGV), o Índice de Confiança do Consumidor (ICC) recuou 0,4 ponto, passando para 81,8 pontos. Em médias móveis trimestrais, o índice subiu 1,89 ponto, para 81,6 pontos.

Por outro lado, o avanço da imunização do país, caracterizado pelo cumprimento da meta em vacinar todo o público alvo com pelo menos uma dose da vacina contra o coronavírus e a inclusão de uma dose de reforço para idosos com mais de 70 anos e imunossuprimidos deverá animar o setor, impulsionando as vendas em datas comemorativas.

Outro aspecto a ser ressaltado é que dado o processo inflacionário, os segmentos mais dependentes da renda, possivelmente, continuem sentindo os efeitos do cenário de instabilidade econômica de forma mais intensa do que os que dependem do crédito. Nesse sentido, acredita-se que uma retomada do crescimento nas vendas dependerá de um retorno consistente do otimismo dos consumidores que por sua vez está relacionado com a evolução mais efetiva do mercado de trabalho e do avanço do processo de imunização no país, pois assim, os consumidores serão encorajados a ampliar os seus gastos, principalmente nas atividades com características de atendimento presencial.

## Serviços

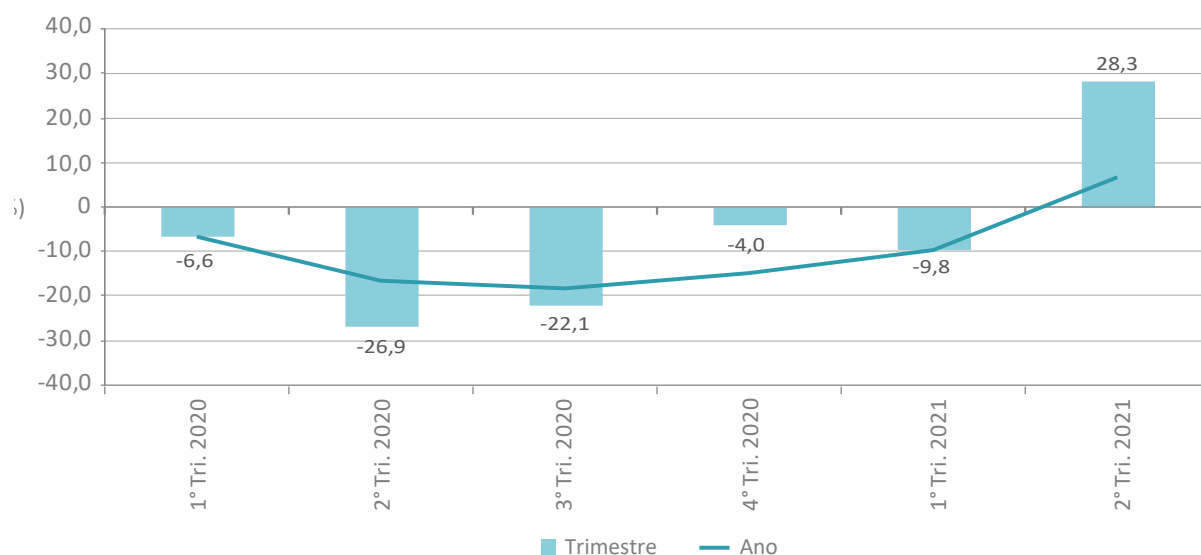
Rosângela Conceição  
rosangela@sei.ba.gov.br

De acordo com os resultados da Pesquisa Mensal de Serviços, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e sistematizados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o volume de serviços na Bahia, quando comparado com o 2º trimestre do ano anterior, marcou crescimento de 28,3%, interrompendo uma persistente desaceleração iniciada no 2º trimestre de 2019 (-1,2%). Essa é a primeira taxa positiva, para esse tipo de comparação, e a primeira variação positiva mais expressiva de toda a série histórica, iniciada em janeiro de 2011. Cabe ressaltar, que apesar do efeito base, em que contabilizou a variação negativa mais significativa no ano passado (-26,9%), a taxa é superior em 1,4 p.p. Essa variação também contribuiu positivamente no resultado nacional, que expandiu 21,5%. É importante destacar, que nessa análise tanto o setor de serviços nacional, quanto o baiano voltaram para os níveis pré-pandemia (Gráfico 1).

### Gráfico 1

#### Volume de serviços(1)(2)

#### Bahia – 1º tri.-4º tri. 2020/1º tri - 2º tri. 2021



Fonte: IBGE. Pesquisa Mensal de Serviços (PMS).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Notas: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

(2) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

Todas as atividades puxaram o volume de serviços para cima, com destaque para os Serviços prestados às famílias (185,8%), que apontou a variação positiva mais importante, seguida pela atividade de Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (41,9%), Outros serviços (25,1%), Serviços profissionais, administrativos e complementares (9,4%), e Serviços de informação e comunicação (3,5%). Nessa análise a receita nominal de serviços na Bahia expandiu 31,7%. Integralmente as atividades puxaram a receita de serviços para cima, com destaque para Serviços prestados às famílias (167,8%), que apontou a variação positiva mais significativa, seguida pela atividade de Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (44,7%), Outros serviços (28,0%), Serviços profissionais, administrativos e complementares (12,3%), e Serviços de informação e comunicação (6,1%).

Na comparação nacional, é importante destacar, que todas as 27 unidades contribuíram positivamente no índice nacional que avançou 21,5% no acumulado do 2º trimestre. Por ordem de grandeza, a principal colaboração veio de Alagoas (38,4%), seguido por Acre (37,3%), depois Roraima (37,2%), Tocantins (28,9%) e Bahia (28,3%). Nesse confronto a Bahia apontou a quinta variação positiva mais expressiva ficando entre o Tocantins e o Pará (27,7%).

O volume avançou 6,5%, no acumulado do primeiro semestre, em relação ao mesmo período do ano anterior. Nessa análise, quatro das cinco atividades puxaram o volume de serviços para cima, com destaque para Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (12,8%) que apontou a maior variação positiva, seguida por Outros serviços (10,7%), depois Serviços prestados às famílias (9,5%), e Serviços profissionais, administrativos e complementares (1,2%). Apenas a atividade de Serviços de informação e comunicação (-1,3%) puxou o indicador para baixo. A receita nominal de serviços na Bahia, no acumulado do primeiro semestre, cresceu 7,1%, em relação ao mesmo período do ano anterior. Destacam-se as atividades de Outros serviços (13,3%), seguidas por Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (10,8%), Serviços prestados às famílias (8,1%), Serviços profissionais, administrativos e complementares (4,0%), e Serviços de informação e comunicação (0,9%).

Na análise dos resultados registrados no volume de serviços por Unidades da Federação, no acumulado do primeiro semestre 2021, na comparação com igual período de 2020, todas as unidades participaram positivamente no resultado nacional (9,5%). As variações que mais contribuíram em termos regionais ocorreram em Roraima (19,7%), Tocantins (18,3%), e Santa Catarina (17,1%). Nessa comparação a Bahia (6,5%) contabilizou a décima variação positiva, a menor entre as unidades da federação e a maior alta da série histórica, desde dezembro de 2017, em que a variação foi de 3,8%.



O Indicador de Confiança do Empresariado Baiano (Iceb), calculado pela SEI, marcou 101 pontos em julho, delineando, assim, um quadro de maior confiança comparativamente ao observado tanto no mês imediatamente antecedente (-210 pontos) quanto no mesmo mês do ano passado (-347 pontos). Aliás, trata-se do maior patamar de confiança desde março de 2020. De junho a julho, o setor de Serviços exibiu uma variação de 147 pontos, a primeira alta após ter recuado. Trata-se do maior avanço entre os grupamentos nessa base comparativa. O indicador, entretanto, encontra-se abaixo de zero desde março do ano passado. Em relação ao mesmo mês de um ano antes, ocorreu um progresso de 253 pontos. A confiança se posicionou acima da média histórica em 63 pontos (SEI).

Segundo avaliação de Rodolpho Tobler, economista do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas (FGV Ibre), ao contrário do observado nos últimos meses, a alta do setor de serviços foi mais influenciada pela melhora no volume de serviços no mês, enquanto as expectativas ficaram estáveis, o que sugere que a recuperação do setor vem avançando em paralelo às flexibilizações na pandemia. Para o economista, o cenário para os próximos meses ainda depende da recuperação da confiança do consumidor e carrega muita incerteza, especialmente aos riscos associados a variante Delta.

Nos últimos meses, a confiança do setor de serviços no Brasil vem avançando de maneira significativa conseguindo superar o nível pré-pandemia. Seguindo a mesma tendência, o saldo do emprego previsto tem dado sinais de continuidade da recuperação com resultados positivos (em médias móveis trimestrais) pelo terceiro mês consecutivo. O saldo corresponde ao percentual das empresas que planejam aumentar seu quadro de funcionários nos próximos meses descontado do percentual de empresários que planejam reduzir. Em agosto, a FGV apurou que o saldo atingiu 10,4 pontos, maior resultado desde maio de 2014 (10,5 pontos).

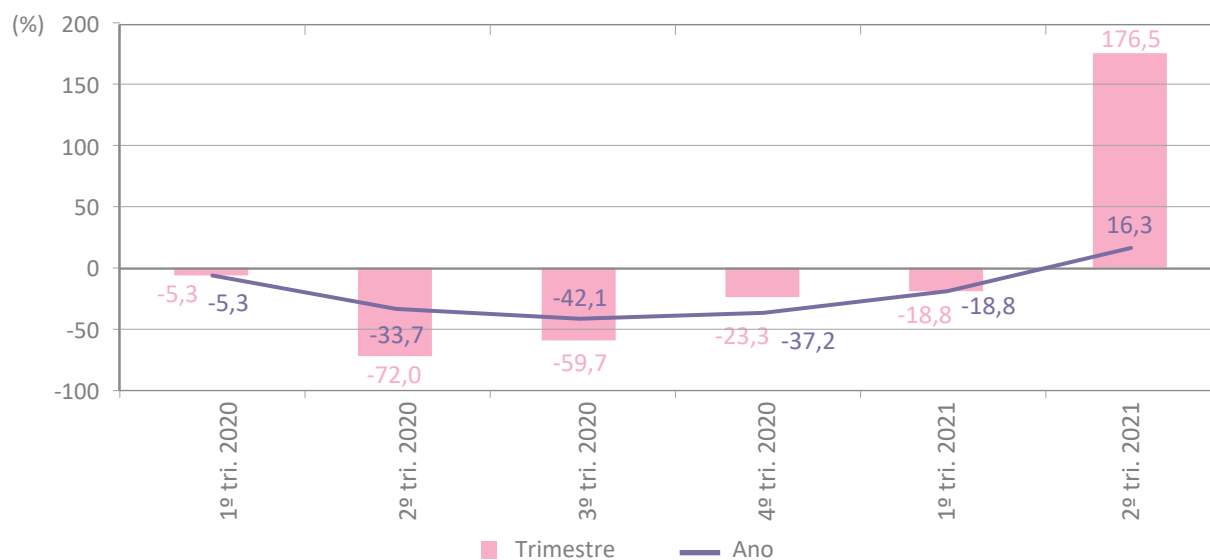
É de referir, que o segundo trimestre de 2021 foi marcado pela manutenção de algumas medidas de contenção à covid-19 na Bahia, tais como: a restrição de locomoção noturna, suspensão do funcionamento de academias, proibição da prática de esporte amador coletivo, assim como os eventos e atividades, shows e festas, independentemente do número de participantes, impactando o setor. Mas, ainda assim, os resultados apresentados pela Pesquisa de Serviços do IBGE foram de expansão. Ao observar os resultados apresentados pelo Iceb e a Sondagem Empresarial da FGV, a expectativa é de recuperação para o setor nos meses subsequentes, pois a maioria das atividades econômicas já retornou à normalidade.

## TURISMO

Rosângela Conceição  
rosangela@sei.ba.gov.br

De acordo com os resultados da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), realizada pelo IBGE, sistematizados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o volume das atividades turísticas<sup>8</sup> na Bahia, quando comparado com o 2º trimestre do ano anterior, marcou expansão de 176,5%, interrompendo uma persistente desaceleração iniciada no 1º trimestre de 2020 (-5,3%). Essa é a primeira taxa positiva, para esse tipo de comparação, e a primeira variação positiva mais expressiva de toda a série histórica, iniciada em janeiro de 2011. Cabe ressaltar, que apesar do efeito base, em que contabilizou a variação negativa mais significativa no ano passado (-72,0%), a taxa deste trimestre é superior em 104,5 p.p. Essa variação também contribuiu positivamente no resultado nacional, que expandiu 89,8%. É importante destacar, que o volume das atividades turísticas nacional e baiana voltou para os níveis pré-pandemia (Gráfico 1).

**Gráfico 1**  
**Volume das atividades turísticas (1)(2)**  
**Bahia – 1º tri.-4º tri. 2020/1º tri.-2º tri. 2021**



Fonte: IBGE. Pesquisa Mensal de Serviços (PMS).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Notas: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

(2) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

<sup>8</sup> Agregado especial que abrange as seguintes atividades: serviços de alojamento e alimentação; serviços culturais, de recreação e lazer; locação de automóveis sem condutor; agências de viagens e operadoras turísticas e transportes turísticos (transporte rodoviário de passageiros em linhas regulares intermunicipais, interestaduais e internacionais; trens turísticos, teleféricos e similares; transporte por navegação interior de passageiros, em linhas regulares; outros transportes aquaviários e transporte aéreo de passageiros).

Na comparação nacional, todas as 12 unidades da Federação que foram investigadas avançaram, frente a igual trimestre do ano anterior, com destaque para Bahia (176,5%), seguida por Pernambuco (154,8%) e Goiás (142,7%). Nessa análise, a Bahia apontou a primeira variação positiva mais expressiva entre as unidades da Federação. Em relação à receita nominal, todas as unidades marcaram o mesmo ritmo de crescimento, com destaque para a Bahia (164,4%), seguida por Pernambuco (147,0%) e Goiás (139,1%).

O índice foi impulsionado, principalmente, pelo aumento na receita de empresas que atuam nos ramos de transporte aéreo, restaurantes, hotéis, rodoviário coletivo de passageiros, locação de automóveis e serviços de bufê. Esse resultado se deve, em parte, à maior queda de (-72,0%) registrada no segundo trimestre do ano passado e as festividades do mês junino, que mesmo com as medidas restritivas aderidas por algumas cidades, na suspensão dos meios de transportes coletivos, proibição da venda de bebida alcoólica em quaisquer estabelecimentos, inclusive por sistema de entrega em domicílio (delivery) ou em depósitos e distribuidoras, e a suspensão do funcionamento de bares, restaurantes e congêneres, por exemplo, não afetaram o segmento.

O agregado especial de atividades turísticas no Brasil expandiu 4,6%, no acumulado do primeiro semestre, frente a igual período do ano anterior. Houve avanço em 10 dos 12 locais investigados, com destaque para Goiás (28,1%), seguido por Pernambuco (19,6%) e Bahia (16,3%). Em relação à receita nominal, oito das 12 unidades marcaram o mesmo ritmo de crescimento, nessa comparação a Bahia apontou a quarta variação positiva (7,7%) ficando entre, Minas Gerais (4,2%) e Espírito Santo (10,9%).

Seguindo a mesma tendência das atividades turísticas, e na perspectiva da retomada do setor, a Bahia é o quinto estado no ranking nacional na adesão do Selo Turismo Responsável. Hoje já são mais de 29 mil Selos Turismo Responsável, Limpo e Seguro emitidos em todo o país. A chancela é conferida a locais que se comprometem a cumprir protocolos de prevenção à covid-19 e, desta forma, oferecem mais segurança a turistas e trabalhadores do setor. A iniciativa foi lançada em 2020, colocando o Brasil entre os 10 primeiros países do mundo a implementar protocolos sanitários para o turismo.

Os segmentos com maior número de adesão ao selo até agora são: agências de turismo (8.563), meios de hospedagem (6.260), guias de turismo (4.129), transportadoras turísticas (3.584) e restaurantes, cafeterias, bares e similares (2.366). Já os estados que registraram a maior adesão à iniciativa são: São Paulo (5.656), Rio de Janeiro (3.876), Minas Gerais (2.342), Rio Grande do Sul (2.321) e Bahia (1.748). O selo está disponível para 15 atividades turísticas, como meios de hospedagem, parques temáticos, restaurantes, cafeterias, bares, centros de

convenções, feiras, exposições, guias de turismo, entre outros. Cada segmento possui um protocolo sanitário específico, elaborado em parceria com empresas e instituições ligadas ao setor, a partir de diretrizes internacionais (MTur).

## COMÉRCIO EXTERIOR

Arthur Souza Cruz Junior  
*arthurcruz@sei.ba.gov.br*

Geraldo Alencar Serra Neto  
*geraldoserra@sei.ba.gov.br*

Thiago Lima de Souza Bartolomeu  
*thiagobartolomeu@sei.ba.gov.br*

A economia mundial vem retomando rapidamente a atividade econômica, especialmente no setor industrial. As previsões de crescimento global deste ano e do próximo foram significativamente revistas para cima desde o primeiro trimestre. A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) prevê que o Produto Interno Bruto (PIB) global crescerá 5,8% em 2021 e 4,4% em 2022, uma recuperação em que a entidade classifica como "significativa, mas desigual" entre países e setores. Os números representam uma leve melhora em relação às projeções anteriores, de expansão de 5,6% este ano e 4% no próximo.

Enquanto nações desenvolvidas devem completar os seus programas de vacinação contra a covid-19 até o último trimestre deste ano, a maior parte das economias emergentes, com algumas exceções, deve ter de lidar com as restrições provocadas pela pandemia por mais tempo.

Nos países avançados, a taxa de desemprego declinou, e seu crescimento impulsiona os países emergentes por meio da retomada do comércio internacional e do forte aumento do preço das commodities. Entretanto, a falta de sincronia no ritmo de fechamento e abertura da produção ao longo das cadeias produtivas, em especial daquelas mais integradas globalmente, tem provocado escassez de matérias-primas, partes e componentes, pressionando os preços. Aliada à demanda aquecida por bens, resultado da substituição do consumo de serviços devido ao isolamento social, a escassez vem contribuindo para o aumento generalizado da inflação entre países, o que pode ser caracterizado como efeito negativo do boom das commodities.

Entretanto, é consenso que os países emergentes exportadores desses produtos estão sendo beneficiados pela alta nos preços, enquanto economias baseadas no turismo estão enfrentando uma recuperação mais lenta.

Assim, o comércio global deve se fortalecer em 2021, apesar da atividade "persistentemente fraca" do setor de serviços. Caso a pandemia siga provocando restrições sanitárias, e por consequência mine a confiança de potenciais viajantes, o comércio de serviços permanecerá "subjugado".

A depreciação do dólar e a alta nos preços das commodities desempenharão um papel importante na recuperação do comércio global de bens, bem como das exportações nacionais.

Segundo a Organização Mundial do Comércio (OMC), em recente informe, afirma que “a recuperação do comércio mundial se mantenha forte, mas seu ritmo poderá ser diminuído por interrupções na cadeia de abastecimento”, sugerindo que a recuperação das exportações e importações pode estar diminuindo.

Em todo o caso, segundo a OMC, os resultados colhidos pelo barômetro da entidade, em julho, são consistentes com a mais recente previsão de crescimento de 8% no volume de comércio mundial de mercadorias em 2021.

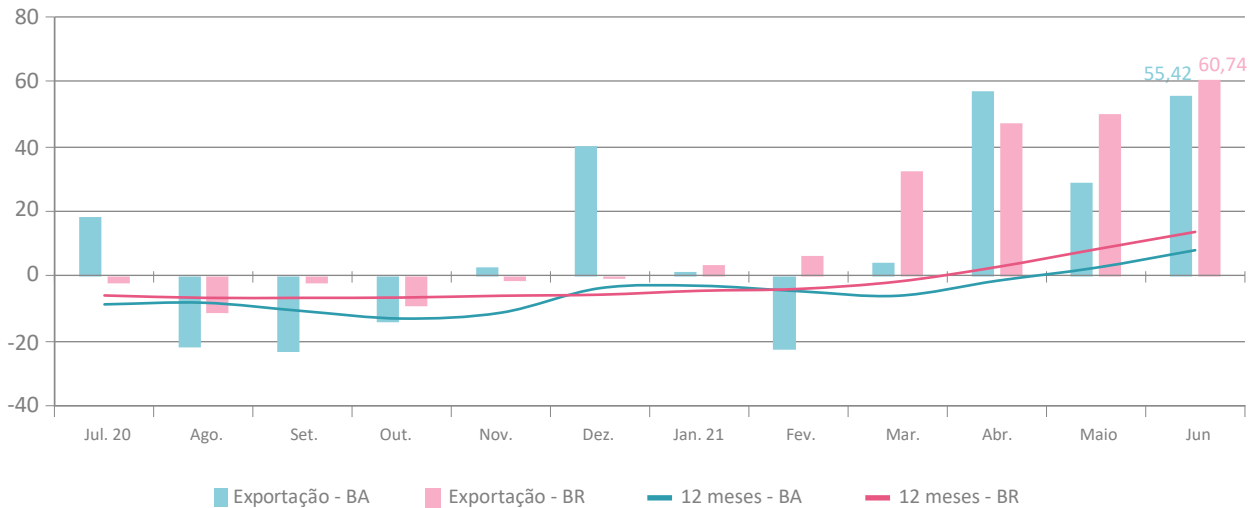
Tirando proveito dessa alta de preços generalizada das commodities, como grãos, derivados de petróleo e minérios, as exportações baianas cresceram 20,6% e alcançaram US\$ 924,1 milhões em julho, recorde da série histórica para o mês desde 2013. As importações de US\$ 384,7 milhões foram 45% maiores, também comparadas a igual mês do ano passado. No acumulado do ano até julho, as exportações baianas somaram US\$ 5,35 bilhões com aumento de 20,4%. As importações também cresceram 51,7% e foram a US\$ 4,21 bilhões, todos sobre a mesma base de comparação.

O efeito preço puxa as exportações desde o início do ano. Enquanto o índice de preços médios subiu no ano 32,6%, o de quantum caiu 9,2%. Já nas importações, houve queda nos preços médios (-2%), mas incremento nas quantidades, que subiram (55%) favorecidas por problemas de fornecimento no mercado interno e pela baixa base de comparação.

Esse movimento de alta das exportações em 2021 vem sendo ditado pela retomada da atividade econômica no mundo, com países iniciando uma saída paulatina da pandemia do coronavírus. Além da continuidade de crescimento das vendas para a China (36%), as exportações tiveram impulso de regiões que haviam reduzido as compras de produtos baianos durante a fase aguda da crise sanitária em 2020 e que agora voltaram a comprar mais, como a Argentina (32,3%), União Europeia (27,9%) e os Estados Unidos (22%).

Apesar do crescimento das vendas externas estar mais evidente entre as commodities, responsável por mais de dois terços da pauta do estado, os setores da indústria mais ligados ao comportamento da economia mundial, também registram incremento, como o químico (38,2%), a metalurgia (19,3%), e o de borracha e suas obras (58,9%), além dos segmentos influenciados pelo agronegócio, porquanto conseguem mostrar mais dinamismo e escapar do comportamento mais tímido daqueles ligados ao mercado doméstico. A recuperação da economia mundial ajuda o agronegócio e a indústria de base. E o agro mobiliza, no caso, da Bahia, as compras de bens de consumo tanto no mercado interno, quanto no externo (crescimento de 26,8% até julho), irradiando os benefícios por toda a economia.

## Gráfico 1

Variação do Crescimento do Comércio Exterior – Exportações  
Bahia/Brasil – 2020/2021

Fonte: Secex/Ministério da Economia.

Elaboração: SEI/CAC.

Dados coletados em 14/08/2021.

Desde abril as vendas de produtos manufaturados têm tido ritmo constante de expansão, o que é notável devido aos muitos empecilhos ainda no caminho das vendas da indústria, como disparada dos fretes, dificuldade de conseguir despachar produtos em contêineres e escassez de insumos que ainda persiste em alguns segmentos. O câmbio desvalorizado também tem ajudado.

Uma mostra disso são as vendas para a Argentina, que vinham muito mal mesmo antes da pandemia e agora registram recuperação. A base de comparação é baixa, o que explica as altas taxas de crescimento, 41% no mês de julho último e de 32,3% no ano, mas não deixa de ser um fator positivo.

A China permanece liderando como principal mercado para as vendas externas do estado com 32% de participação no ano e crescimento de 36%. É seguida por Singapura com 12,5% de participação e crescimento negativo de 10,4% e pelos Estados Unidos que estão com 11,5% de participação e crescimento alvissareiro de 22%.

Outra característica importante a destacar no aumento das exportações este ano, são os preços. Eles estão pautando o aumento das receitas, já que o quantum embarcado (apesar de estar melhorando), ainda está 9,2% inferior a igual período do ano anterior. O aumento dos preços médios das commodities nos sete primeiros meses do ano foi de 32,6% em relação ao mesmo período de 2020.

Quando se analisam os índices de preços de exportações das commodities baianas, destacam-se o negócio do cobre e ferro-ligas, com alta de 68,4%, petróleo e derivados com 63,7%, minerais com 27,6% e a soja e derivados com incremento de 34,9%, na mesma base de comparação. Os preços das não commodities cresceram também, mas em um percentual inferior, de 29,5%.

No atual momento há uma mudança de degrau das cotações - que não vão ficar no nível atual para sempre, mas dificilmente retornarão aos patamares de anos atrás no curto prazo. Com isso, particularmente para os grãos, mesmo com o aumento de custos para safra 2021/22, deveremos ter área plantada maior, preços remuneradores e com margem positiva não só para 2021 como também para 2022. Muito provavelmente a lucratividade para o exportador será menor do que em 2021, mas mesmo assim positiva.

**Tabela 1**  
**Exportações baianas – principais segmentos**  
**Jan. - jul. 2020/2021**

Segmentos	Valores (US\$ 1000 FOB)			Part. %	Var. % Preço médio
	2020	2021	Var. %		
Soja e Derivados	835.557	1.246.502	49,18	23,29	34,93
Papel e Celulose	799.787	748.177	-6,45	13,98	63,73
Petróleo e Derivados	472.294	652.911	38,24	12,20	54,35
Químicos e Petroquímicos	638.792	598.543	-8,01	11,19	-2,11
Metalúrgicos	328.376	391.773	19,31	7,32	68,41
Algodão e Seus Subprodutos	151.992	360.476	137,17	6,74	27,59
Minerais	280.973	299.666	6,65	5,60	-35,44
Metais Preciosos	204.732	295.741	44,45	5,53	8,86
Cacau e Derivados	203.194	147.105	-27,60	2,75	2,70
Máquinas, Aparelhos e Materiais Mecânicos e Elétricos	113.435	122.817	8,27	2,30	-0,99
Café e Especiarias	74.117	104.748	41,33	1,96	-5,39
Demais Segmentos	340.533	382.711	12,39	7,15	101,27
<b>Total</b>	<b>4.443.781</b>	<b>5.351.171</b>	<b>20,42</b>	<b>100,00</b>	<b>32,61</b>

Fonte: Mdic/Secex.  
Elaboração: SEI.  
Dados coletados em 05/08/2021.

Na análise trimestral, no segundo trimestre de 2021, já sob o impacto do avanço da vacinação pelo mundo e a recuperação das principais economias globais, as exportações do estado tiveram um aumento de 47%, ante o segundo trimestre de 2020 alcançando US\$ US\$ 2,65 bilhões, como também em relação ao primeiro trimestre de 2021 – incremento de 49%, nesse caso, pesando os impactos da sazonalidade. A elevação contínua dos preços das commodities no período e a desvalorização do real contribuíram para melhorar o desempenho exportador no último trimestre. Os destaques no acumulado do semestre foram para as vendas de soja



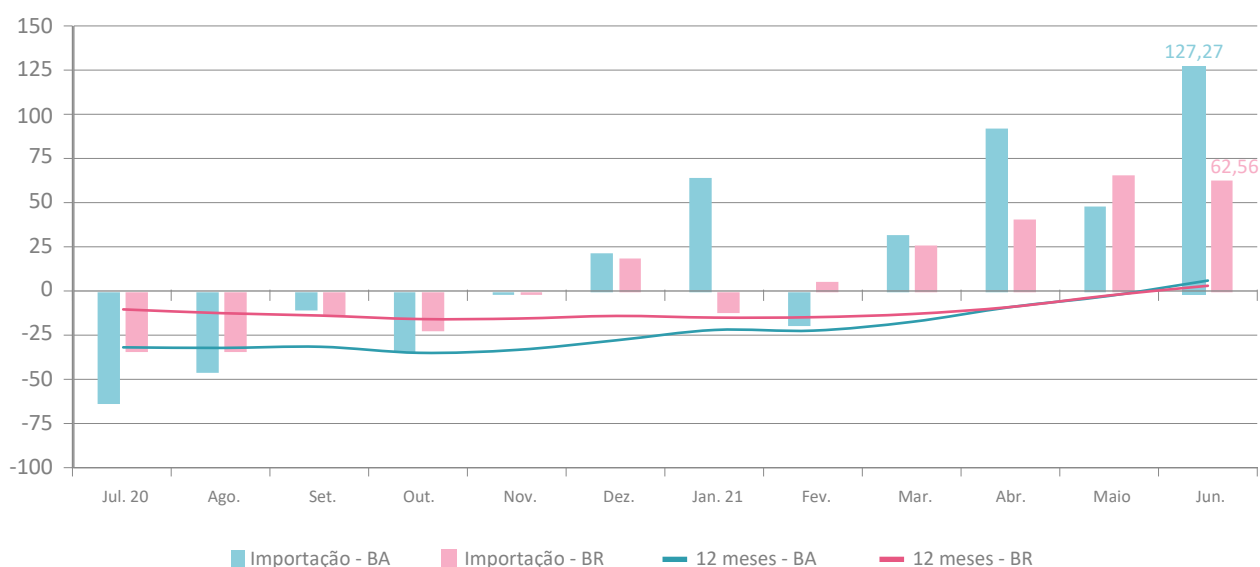
e derivados que cresceram (60,7%), químicos (36%), metalúrgicos (28,2%) e de minerais (151,1%), todos comparados a igual semestre do ano anterior.

## IMPORTAÇÕES

As importações baianas foram de US\$ 384,7 milhões em julho, com alta de 45% em comparação ao mesmo mês de 2020. No acumulado do ano, as importações somaram US\$ 4,21 bilhões, com crescimento de 51,7%. Apesar do efeito da base baixa de comparação, a maior demanda por bens importados acontece via recomposição de estoques pela indústria, em um ambiente de escassez interna de suprimentos e de reação ainda moderada na atividade econômica.

Gráfico 2

### Variação do Crescimento do Comércio Exterior – Importações Bahia/Brasil – 2020/2021



Fonte: Secex/Ministério da Economia  
Elaboração: SEI.  
Dados coletados em 14/08/2021.

As compras externas no ano seguem puxadas pelos combustíveis, tanto no semestre (148,8%) como no acumulado até julho (aumento de 141,3%), sempre comparadas com o mesmo período do ano passado. Também houve incremento nas compras dos bens intermediários, que no semestre avançaram 35,7% e até julho, tiveram incremento de 38,1% com destaque para minério de cobre (36,8%), cacau em grão (29,3%), óleos de palmiste (120%), fertilizantes (42%) e grafita artificial (23%).

Os bens de consumo também registraram crescimento de 26,8%, principalmente de células solares em módulos ou painéis (1.290%) e fritadoras eletrotérmicas (235%). Isso aconteceu

mesmo com câmbio depreciado, porque o desabastecimento também contribuiu para elevar preços no mercado interno.

**Tabela 2**  
**Importações baianas por categoria de uso**  
**Jan. - jul. 2020/2021**

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2020	2021	Var. %	Part. %
Bens intermediários	1.643.801	2.269.498	38,06	53,84
Combustíveis e lubrificantes	631.506	1.524.026	141,33	36,15
Bens de capital	395.400	288.231	-27,10	6,84
Bens de consumo duráveis	47.411	70.375	48,44	1,67
Bens de consumo não duráveis	57.868	63.164	9,15	1,50
Bens não especificados anteriormente	3.073	2	-99,94	0,00
<b>Total</b>	<b>2.779.058</b>	<b>4.215.295</b>	<b>51,68</b>	<b>100,00</b>

Fonte: MDIC/Secex.

Elaboração: SEI.

Dados coletados em 05/08/2021.

Nota: importações efetivas, dados preliminares.

Ainda há muita instabilidade em função da pandemia e é difícil saber se o movimento de alta irá se manter. A continuidade e ritmo desse movimento ainda dependem do câmbio e da recuperação da demanda doméstica.

Outro ponto que precisa estar no radar, é o efeito da crise hídrica, que pode gerar maior importação de energia. Se a crise for mais profunda, pode afetar a retomada da economia como um todo, diminuindo a capacidade de absorção interna. Isso em tese, porque podemos também ter mais consumo com menos produção doméstica, o que resultaria em mais importação.

A corrente de comércio do estado, que demonstra o grau de integração da economia ao fluxo internacional, avançou 32,4% até julho, totalizando US\$ 9,57 bilhões. Esse indicador é considerado importante, porque mede o dinamismo do comércio exterior do estado, bem como sua contribuição para o ritmo da atividade econômica. Já o saldo comercial do estado no período chegou a US\$ 1,14 bilhão, resultado 31,8% inferior a igual período de 2020, resultado do avanço, este ano, proporcionalmente maior das importações – crescimento de 51,7%, do que das exportações (20,4%).

## Finanças PÚBLICAS

João Gabriel Vieira  
*joaovieira@sei.ba.gov.br*

Poliana Peixinho  
*poliana@sei.ba.gov.br*

Marília Jane Campos  
*mariliajane@sei.ba.gov.br*

O Fundo Monetário Internacional (FMI) no seu boletim fiscal publicado em abril de 2021 destaca que a corrida para vacinar continua, mas o ritmo é muito diferente entre países, com acesso indisponível para muitos. O relatório destaca que um movimento de proteção global “se pagaria” com os efeitos sobre um emprego mais forte, atividade econômica mais intensa, levando a um aumento na arrecadação de impostos. Até que a pandemia seja controlada globalmente, a política fiscal deve permanecer flexível e apoiar os sistemas de saúde, famílias e empresas. A necessidade e o escopo do suporte variam entre as economias, dependendo do efeito da pandemia e da capacidade de acesso a empréstimos a baixo custo. O relatório também destaca que o apoio fiscal tem impedido contrações econômicas mais severas e maiores perdas de emprego. Enquanto isso, tal apoio, junto com a queda nas receitas, aumentou déficit e dívida dos governos em níveis sem precedentes em todos os grupos de rendas dos países. Os déficits gerais médios como proporção do Produto Interno Bruto (PIB) alcançaram 11,7% para as economias avançadas, 9,8% para as economias emergentes e 5,5% para as economias de baixa renda.

No Brasil, os efeitos da pandemia estão mudando também prioridades nas políticas públicas. A tributária, por exemplo, incorpora novas questões na sua agenda mundial. Como resposta a um forte e inevitável aumento nas desigualdades, entrou na mesa de discussões a necessidade de maior progressividade dos tributos, assunto que até há pouco, ou não despertava maior atenção, ou não era discutido. No que se refere ao desempenho do PIB, a expectativa é que aconteça um crescimento superior a 5% (igual trimestre do ano anterior), o que sinaliza o fortalecimento do processo de retomada da economia. No entanto, os indicadores de emprego e inflação continuam elevados, o que mostra que qualitativamente esse crescimento tem repercussões limitadas. A arrecadação, seguindo o ritmo de crescimento da economia, tem apresentado um bom desempenho neste primeiro semestre, o que não exclui o fato de que neste ano de 2021 o poder executivo esteja prevendo um déficit primário de R\$ 164,9 bilhões.

No estado da Bahia, as repercussões dos eventos nacionais também se fazem sentir. Na dimensão do crescimento econômico, o PIB cresceu 6,7% (na comparação com igual trimestre do ano anterior), o que sinaliza uma retomada na economia baiana. Os números do emprego formal também sinalizam essa tendência, sendo a Bahia o estado líder no acumulado do saldo

de empregos formais no Nordeste. Assim, tendo em vista a associação entre a economia e as finanças públicas, foi possível observar que o Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) cresceu R\$ 2,3 bilhões no trimestre entre abril e junho de 2021, em relação ao mesmo período de 2020. No entanto, convém ressaltar o efeito base, uma vez que foi justamente no segundo trimestre do ano passado que os efeitos sobre a arrecadação se fizeram sentir. No que se refere ao desempenho do Fundo de Participação dos Estados (FPE), este também foi de alta expressiva, quase R\$ 1 bilhão a mais entre o trimestre de abril a junho de 2021, em relação ao mesmo período de 2020. Neste caso, pode-se atribuir este aumento a recomposição dos impostos que compõem a base desse fundo, que são o Imposto de Renda e o Imposto sobre Produtos Industrializados. Assim, os dois principais itens de receita do estado da Bahia apresentaram sensível melhora neste exercício de 2021.

## PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB)

João Paulo Caetano Santos  
joaopaulo@sei.ba.gov.br

Denis Veloso  
dveloso@sei.ba.gov.br

Carol Vieira  
carolvieira@sei.ba.gov.br

### Economia Baiana tem alta de 6,7% no 2º trimestre de 2021

De janeiro a junho, PIB baiano cresce 3,2%.

De acordo com os dados divulgados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o nível de atividade econômica - Produto Interno Bruto (PIB) – cresceu 6,7% no segundo trimestre de 2021 em comparação ao mesmo período do ano anterior. Considerando-se a série com ajuste sazonal (2º trimestre de 2021 em comparação com o 1º trimestre de 2021), o resultado foi estável (-0,3%). No primeiro semestre de 2021 (acumulado no ano), a variação em volume foi de 3,2% por conta da taxa positiva no segundo trimestre deste ano.

**Tabela 1**  
**PIB trimestral**  
**Bahia – 2021(1)**

Períodos	Taxas (%)
2º tri 2021/2º tri 2020	+6,7%
2º tri 2021/1º tri 2021 (sazonal)	-0,3%
1º semestre de 2021	+3,2%

Fonte: SEI.

Nota: (1) dados sujeitos a retificação.

### PIB em Valor Corrente

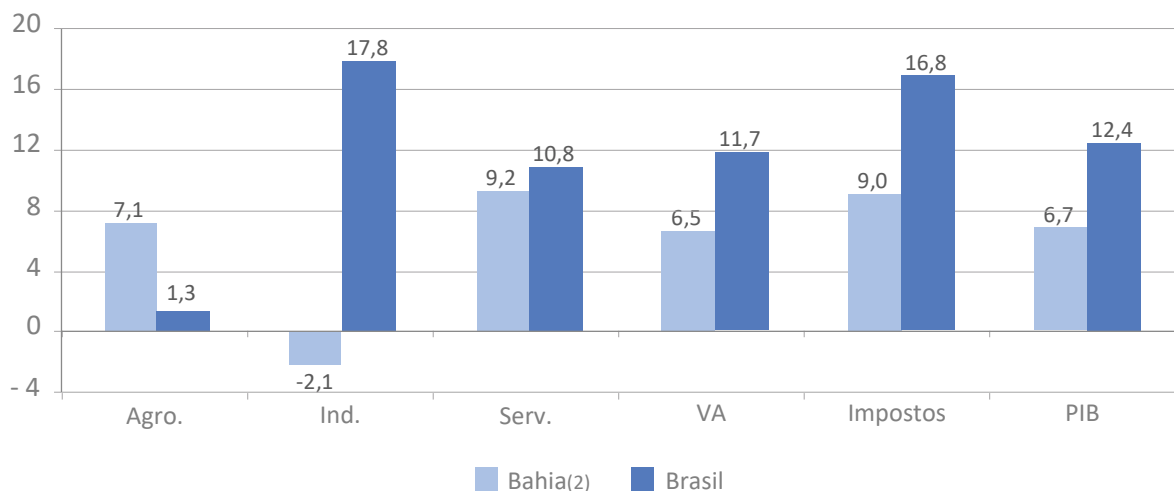
No 2º trimestre de 2021, o PIB totalizou R\$ 96 bilhões, sendo R\$ 86 bilhões referentes ao Valor Adicionado (VA) a preços básicos e R\$ 10 bilhões aos Impostos sobre Produtos Líquidos de Subsídios. No que diz respeito aos grandes setores, a *Agropecuária* apresentou Valor Adicionado de R\$ 21,5 bilhões, a *Indústria* R\$ 16,6 bilhões e *Serviços* R\$ 47,9 bilhões.

Nos seis primeiros meses de 2021, o PIB totalizou R\$ 183,1 bilhões, sendo R\$ 162,1 bilhões referentes ao VA a preços básicos e R\$ 20,9 bilhões aos Impostos sobre Produtos Líquidos de Subsídios. No que diz respeito aos grandes setores, a *Agropecuária* apresentou Valor Adicionado de R\$ 29,2 bilhões, a *Indústria* R\$ 34,6 bilhões e os *Serviços* R\$ 98,3 bilhões.

## 2º TRIMESTRE 2021/ 2º TRIMESTRE 2020

O PIB da Bahia quando comparado ao de igual período do ano anterior, apresentou expansão de 6,7% no segundo trimestre de 2021, conforme dados divulgados pela SEI. O Valor Adicionado apresentou variação positiva de 6,5% e os Impostos sobre Produtos Líquidos de Subsídios, alta de 9,0%. Além da base de comparação (2º trimestre do ano anterior) ser de queda (-8,7%), dois setores são responsáveis pelo resultado positivo da atividade econômica do estado: agropecuária com taxa positiva de 7,1% e serviços com alta de 9,2%.

**Gráfico 1**  
**Varição das atividades do Produto Interno Bruto**  
**Bahia/Brasil – 2º tri. 2021(1)**



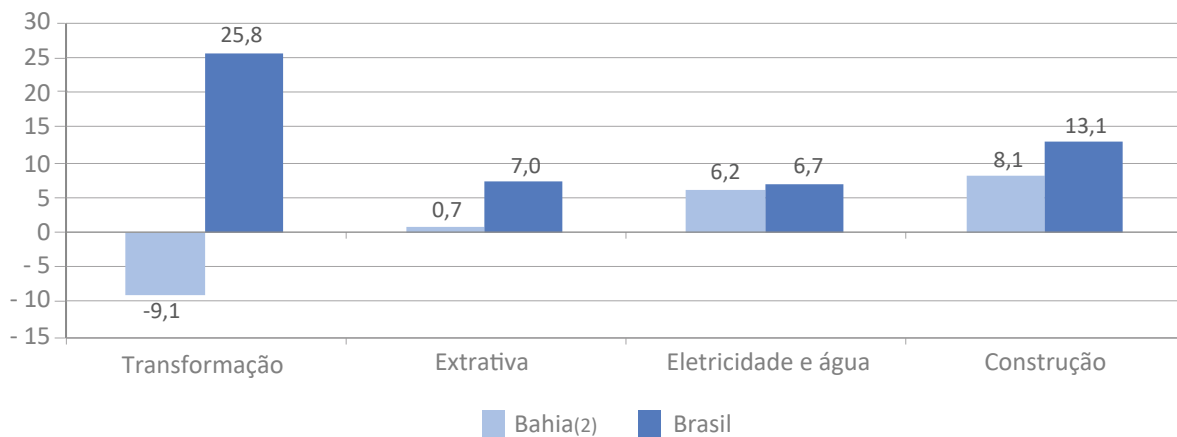
Elaboração: SEI/IBGE.

Nota: (1) em relação ao mesmo período do ano anterior.

(2) dados sujeitos a retificação.

O crescimento em volume do setor agropecuário baiano no segundo trimestre do ano foi de 7,1%. Merecem destaque as taxas de crescimento da soja e cana de açúcar. Essas elevadas taxas devem-se à confiança dos produtos associadas às condições climáticas favoráveis no estado. A taxa do setor industrial no 2º trimestre da Bahia foi de -2,1%. Único setor com taxa negativa nesses três meses (abr. - jun.). A retração é justificada pela taxa negativa da atividade da Indústria de Transformação (-9,1%). As altas foram identificadas nas atividades da construção civil (+8,1%); eletricidade e água (+6,2%); e indústrias extrativas (+0,7%).

**Gráfico 2**  
**Varição das atividades da Indústria**  
**Bahia/Brasil – 2º tri. 2021(1)**



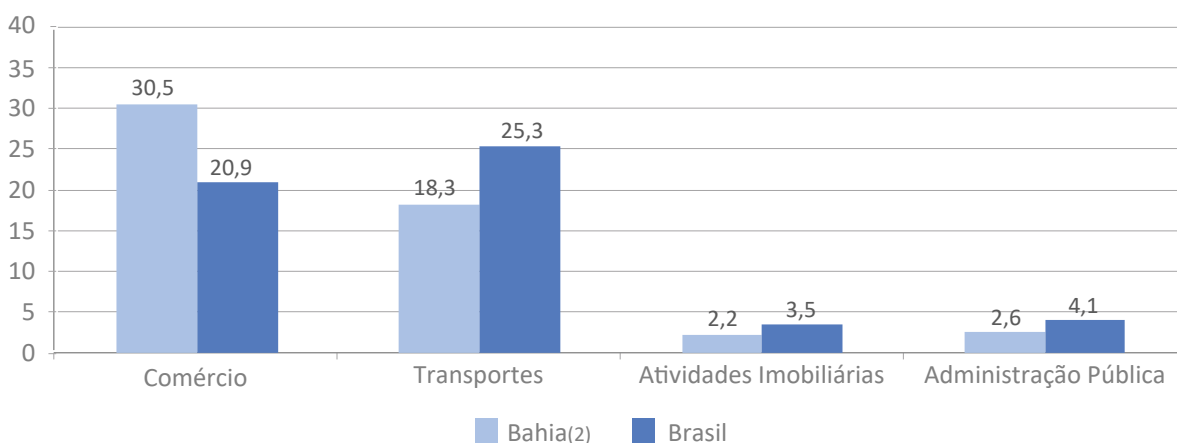
Elaboração: SEI/IBGE.

Nota: (1) em relação ao mesmo período do ano anterior.

(2) dados sujeitos a retificação.

O setor de serviços do estado cresceu 9,2% no segundo trimestre do ano, puxado pela alta do Comércio (30,5%) e Transportes (18,3%). A administração Pública, atividade extremamente relevante no estado, obteve crescimento de 2,6% e as atividades imobiliárias alta de 2,2%.

**Gráfico 3**  
**Varição das atividades de Serviços**  
**Bahia/Brasil – 2º tri. 2021(1)**



Elaboração: SEI/IBGE.

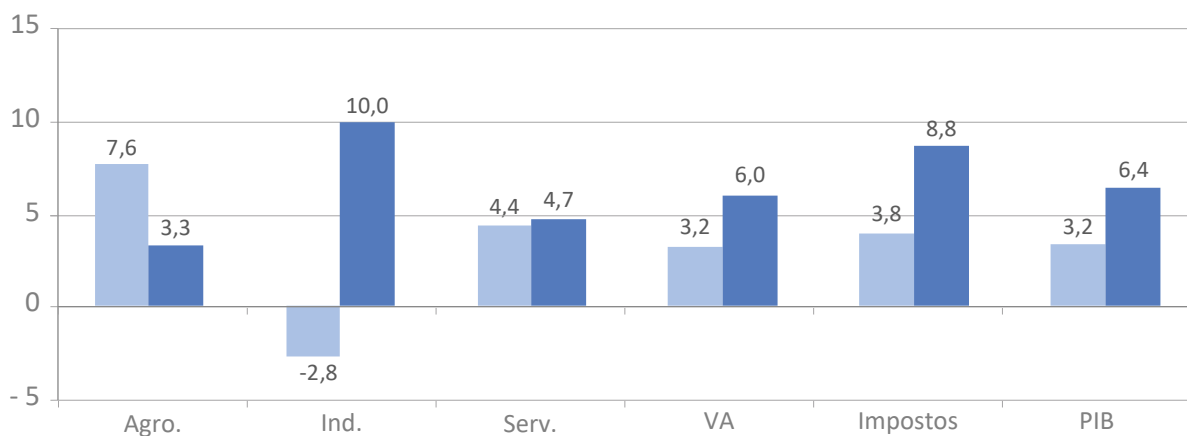
Nota: (1) em relação ao mesmo período do ano anterior.

(2) dados sujeitos a retificação.

### 1º semestre 2021/ 1º semestre 2020 (janeiro a junho)

O PIB baiano acumulado de janeiro a junho de 2021 registrou expansão de 3,2% (diante do registrado no primeiro semestre de 2020). A Agropecuária variou em 7,6%, a Indústria caiu 2,8% e os Serviços cresceram 4,4%. O destaque negativo no semestre ficou por conta do setor industrial, puxado pela acentuada queda da indústria de transformação (-8,6%).

**Gráfico 4**  
**Variação das atividades do Produto Interno Bruto**  
**Bahia/Brasil – 1º tri. 2021(1)**



Elaboração: SEI/IBGE.

Nota: (1) em relação ao mesmo período do ano anterior.

(2) dados sujeitos a retificação.

## Gandes setores

### Agropecuária

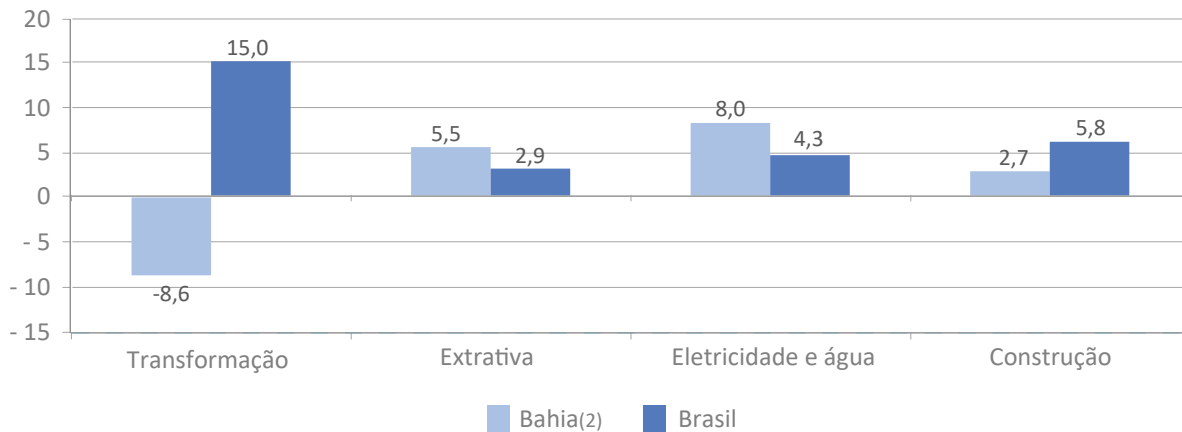
O crescimento em volume do setor agropecuário baiano no acumulado do ano foi de 7,6%. As altas taxas de crescimento da soja e cana de açúcar são atribuídas a confiança dos produtores e as condições climáticas favoráveis no estado.

### Indústria

A taxa do setor industrial da Bahia foi de -2,8%. A indústria de transformação fecha o 1º semestre do ano com elevada retração na atividade (-8,6%) e nem mesmo as taxas positivas das atividades de eletricidade e água (+8,0%); da extrativa mineral (+5,5%) e da construção (+2,7%) foram capazes de contribuir positivamente com o índice de volume do setor.



**Gráfico 5**  
**Variação das atividades da Indústria**  
**Bahia/Brasil – 1º tri. 2021(1)**



Elaboração: SEI/IBGE.

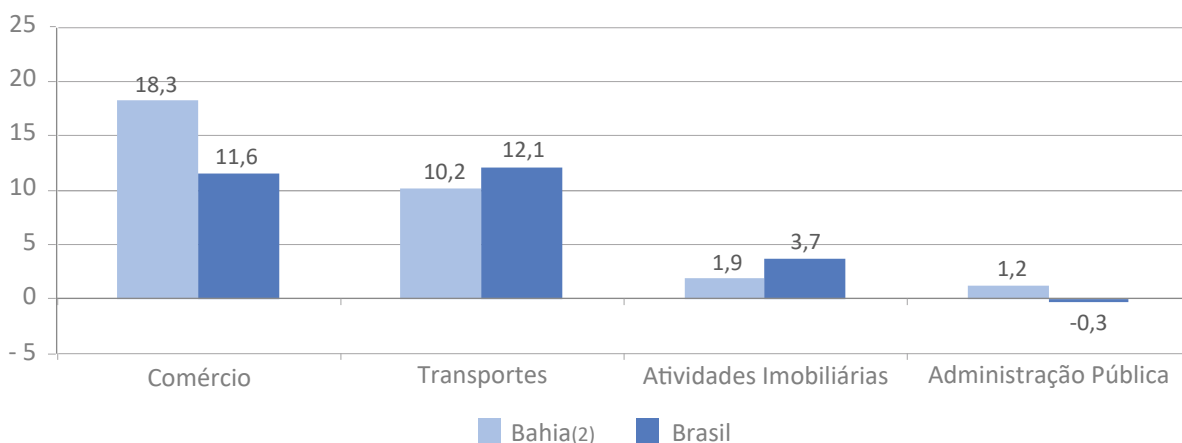
Nota: (1) em relação ao mesmo período do ano anterior.

(2) dados sujeitos a retificação.

## Serviços

O setor de serviços do estado cresceu 4,4% no primeiro semestre e as taxas de crescimento das atividades de comércio e transportes merecem destaque, 18,3% e 10,2%, respectivamente. Ainda dentro do setor, observou-se leve incremento nas atividades imobiliárias (+1,9%) e na administração pública (+1,2%). O impacto positivo no setor dos serviços (representa quase 69% do PIB do estado) foi significativo no resultado final do PIB baiano neste 1º semestre de 2021.

**Gráfico 6**  
**Variação das atividades de Serviços**  
**Bahia/Brasil – 1º tri. 2021(1)**



Elaboração: SEI/IBGE.

Nota: (1) em relação ao mesmo período do ano anterior.

(2) dados sujeitos a retificação.

## Mercado de Trabalho

Luiz Fernando Araújo Lobo  
luizlobo@sei.ba.gov.br

De um lado, o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério do Trabalho e Previdência, do outro, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), duas bases oficiais historicamente respeitadas e consolidadas emitindo sinais destoantes entre si. De forma resumida, enquanto os dados do Caged permitem anunciar uma exuberante recuperação em “V” do mercado de trabalho (ou até mais do que isso, já que aponta que todos os postos com carteira assinada eliminados há um ano não somente foram recuperados como muitos outros foram gerados), os indicadores da Pnad Contínua, apesar de progressos diversos, repercutem ainda o misto de uma conjuntura desfavorável e uma recomposição lenta e gradual como esperado. Nesse caso, o fiel da balança desse descompasso fica a cargo da realidade econômica nua e crua, cujo alinhamento parece não mais ser segredo, elegendo a captação da Pnad Contínua como mais aderente.

Na Bahia, como ocorrido no terceiro e no quarto trimestres de 2020 e no primeiro deste ano, quando 29.029, 26.773 e 43.288 novas vagas foram abertas, respectivamente, os números do intervalo mais recente, revelados pelo Caged, também surpreenderam positivamente<sup>9</sup>. De abril a junho, o montante de vínculos regidos pela Consolidação das Leis do Trabalho incorporou 26.862 novos registros, completando quatro trimestres seguidos com expansão do nível de emprego formal e amparando o maior saldo para um segundo trimestre no estado desde o computado em 2011 (+43.745 postos)<sup>10</sup>.

A dinâmica com mais admissões do que desligamentos foi apurada em cada um dos meses do segundo trimestre de 2021 na Bahia. O mês de maio foi o de maior saldo, com 10.039 novas vagas – revelando-se, assim, o terceiro melhor resultado mensal do ano até então. Os meses de abril e junho testemunharam excedentes menos destacados, com surgimento de 9.219 e 7.604 novos postos, respectivamente – mantendo, no entanto, uma geração considerável ao longo do trimestre. Além do mais, em termos de saldo, vale destacar que cada um desses três meses evidenciou um desempenho muito superior ao do mês correspondente do ano anterior.

<sup>9</sup> Desde o início de 2020, o Caged vem sendo substituído pelo Sistema de Escrituração Digital das Obrigações Fiscais, Previdenciárias e Trabalhistas (eSocial) como meio para a prestação de informações por parte do empregador. A fim de assegurar a qualidade e a integridade das estatísticas do emprego formal e evitar lacunas decorrentes de falta de prestação da informação ou de inconsistências causadas por migrações de sistemas, vem-se utilizando do método de imputação e compatibilização de dados de outras fontes. Em breve, no entanto, o eSocial será a única fonte de dados a alimentar o sistema Caged.

<sup>10</sup> Dado a natureza distinta de captação das informações decorrente da implantação do eSocial e a maior cobertura (com a incorporação de outros tipos de vínculos não declarados ao Caged), as comparações com anos anteriores devem ser realizadas com cautela. Informações adicionais em <http://pdet.mte.gov.br/o-que-e-novo-caged>.

O saldo de empregos com registro em carteira também foi positivo para o país como um todo no segundo trimestre deste ano, com 701.259 postos a mais. Ademais, todas as regiões geraram postos de trabalho, com o Sudeste evidenciando a melhor situação em termos absolutos e o Norte exibindo a cena menos favorável. Das unidades da Federação, houve surgimento líquido em todas elas. No *ranking* nacional, do maior ao menor saldo, a Bahia, com acréscimo de 26.862 oportunidades ocupacionais, ficou na sétima posição, uma colocação abaixo da verificada no trimestre anterior. Entre os estados nordestinos, a Bahia mostrou o melhor desempenho absoluto, enquanto Sergipe (+1.343 postos) exibiu o menor saldo regional no período.

Conforme os dados do Caged, a Bahia iniciou o ano dispondo de um estoque de 1.703.775 empregos com carteira assinada. Ao final dos primeiros seis meses do ano, entretanto, esse montante se ampliou em aproximadamente 4,1%, fruto do surgimento de 70.150 vínculos nesse espaço de tempo – contribuindo para suplantar a perda líquida de 9.201 postos no ano passado e renovar o entusiasmo quanto ao processo de reabilitação vivenciado nos anos de 2018 e 2019, quando emergiram 30.746 e 30.858 novos postos, nessa ordem.

A dilatação no mercado de trabalho formal baiano no segundo trimestre do ano alcançou todos os estratos setoriais, já que não houve eliminação líquida de postos em qualquer um deles. A atividade de *Serviços* se destacou com o desempenho mais proeminente entre as cinco categorias, com a contratação líquida de 12.026 trabalhadores no período. O *Comércio*, com 6.147 novos vínculos, também indicou um saldo relativamente estendido, assumindo o segundo melhor resultado entre as atividades. Em seguida, com saldos positivos menos protuberantes, por ordem decrescente, vieram os setores da *Indústria geral* (+4.463 postos), da *Agropecuária* (+2.920 vagas) e da *Construção* (+1.306 postos). Assim, portanto, nenhum grupamento de atividade econômica registrou um número maior de fechamentos do que de aberturas de postos no citado intervalo no estado<sup>11</sup>.

O levantamento mais recente da Pnad Contínua também apontou avanços em muitos (mas, não todos) dos indicadores do mercado de trabalho baiano. O que não surpreende, dado a base de comparação consideravelmente deteriorada. Difícil seria imaginar uma piora ampla! Apesar de melhorias diversas, ainda não chegou o momento de comemorar: a realidade laboral continuou bastante debilitada no segundo trimestre do ano no estado e vários dos progressos devem ser entendidos com reservas.

A taxa de desocupação, foco dos holofotes, por exemplo, ao passar de 21,3% para 19,7% da população na força de trabalho do primeiro ao segundo trimestre, contou com o segundo

<sup>11</sup> Por praticidade, houve simplificação de algumas categorizações. Os grupamentos *Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura e Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas* foram denominados simplesmente como *Agropecuária e Comércio*, nessa ordem.

mais intenso recuo na margem da série (queda de 1,6 ponto percentual)<sup>12</sup> – alcançando, dessa forma, o menor patamar desde o registrado no primeiro trimestre de 2020. Porém, ainda se encontrava no quinto maior patamar desde o começo da pesquisa (e nada muito distante dos maiores níveis). Além do mais, essa retração (em parte, associada a fatores sazonais) costuma ser aguardada, visto se tratar de uma dinâmica bastante comum nessa passagem do ano.

Entre as unidades da Federação, a Bahia, finalmente, após oito trimestres seguidos, deixou de ser responsável pelo índice mais elevado, sendo ultrapassada por Pernambuco, com uma taxa de desocupação de 21,6%. Agora, o estado baiano detém a segunda maior taxa do país. Na outra ponta, Santa Catarina (5,8%) apresentou a menor estimativa. Em terras baianas, portanto, o referido indicador foi mais do que o triplo do observado em território catarinense no segundo trimestre deste ano. No Brasil e no Nordeste, as taxas ficaram em 14,1% e 18,2%, respectivamente – terceiro e segundo maiores percentuais de cada série correspondente.

No intervalo em análise, comparativamente ao imediatamente antecedente, o mercado de trabalho baiano experimentou tanto uma alta na ocupação quanto uma queda na desocupação, cursos que convergiram para a compressão da taxa de desocupação – a influência, destaque-se, adveio mais do primeiro (mais 260 mil ocupados) do que do segundo movimento (menos 63 mil desocupados). O contingente de ocupados, com 5,395 milhões de pessoas de 14 anos ou mais de idade, apesar do maior em um ano, ainda se encontra inferior ao de qualquer trimestre pré-pandemia. Esse montante, por sinal, já foi de 6,432 milhões quando em seu auge, no último trimestre de 2014. A população desocupada ficou em 1,323 milhão de indivíduos, ainda o segundo maior quantitativo já estimado apesar da contração recente. Por fim, mesmo com mais gente em idade de trabalhar, recorde da série, o número de pessoas fora da força de trabalho diminuiu, terceiro trimestre seguido com encolhimento, chegando a 5,742 milhões – sem dúvida positivo, mas ainda num patamar maior do que qualquer outro de antes da pandemia, o que pode repercutir na desocupação se o desempenho econômico não for suficiente para incorporar aqueles que voltarem a pressionar o mercado de trabalho em busca de ocupação.

Importante pontuar que o aumento da ocupação no estado se deu principalmente pelo canal da informalidade, de maneira que oito em cada dez pessoas que passaram a trabalhar eram informais – portanto, a mesma via percorrida durante a fase crítica de deterioração recente, quando aqueles mais distantes do polo protetivo (no caso, os informais) foram os mais fortemente atingidos. Após duas quedas trimestrais sucessivas, o conjunto dos informais completou quatro altas subsequentes. O quantitativo de formais também se expandiu, depois de ter encolhido. Por fim, o trimestre de abril a junho de 2021 contabilizou 2,970 milhões

<sup>12</sup> Vale ressaltar que essa variação não se mostrou estatisticamente significativa segundo o IBGE.

de ocupados na informalidade e 2,424 milhões na formalidade. O grau de informalidade no mercado de trabalho baiano, dessa forma, ficou em 55,1%, segundo maior percentual desde que começou a ser calculada. No Brasil como um todo, 40,6% dos trabalhadores se encontravam na informalidade nesse mesmo período.

Há ainda outras constatações, no bojo da Pnad Contínua, que ajudam a contrabalançar os avanços recentes – e, assim, ponderar qualquer discurso de que o mercado de trabalho baiano vive uma fase áurea – como, por exemplo: a quinta menor taxa de participação da série; o quinto menor nível da ocupação; a quinta maior população fora da força de trabalho da história; após dois recuos seguidos, o menor nível histórico de empregados no setor privado com carteira assinada; a quarta maior taxa composta de subutilização da força de trabalho da série; e a quarta menos volumosa massa de rendimento real de todos os trabalhos habitualmente recebido por mês pelas pessoas ocupadas já registrada (com o rendimento médio de todos os trabalhos na Bahia sendo o quarto mais baixo entre as unidades federativas).

Enfim, a desconfiança quanto ao cenário pintado pelo Caged se amplia não somente pelo descolamento daquele retratado pela Pnad Contínua como também pelo desajuste com o próprio contexto econômico, que mesmo com melhoria de alguns indicadores não exhibe qualquer desempenho espetacular. O entendimento, assim, continua o mesmo: a despeito dos resultados alvissareiros revelados pelo Caged, não há como atestar, de forma irrestrita, que o ritmo de qualquer recuperação do emprego e da renda esteja alicerçado em forças estruturais suficientes para se expandir ampla e rapidamente – afinal, não se pode perder de vista que o mercado de trabalho costuma ser um dos últimos pilares a materializar uma reabilitação completa. Assim sendo, a expressão retomada do emprego, no sentido estrito de regresso à condição ou ao padrão anterior, deve ser evitada, visto que ainda se mostra relativamente longo o percurso até tal proeza efetivamente se concretizar, sendo mais aderente o termo reativação das ocupações<sup>13</sup>.

<sup>13</sup> Uma retratação mais completa e pormenorizada do mercado de trabalho baiano poderá ser encontrada na edição mais recente do Boletim de Conjuntura do Mercado de Trabalho da SEI.